



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

ISMAEL MAYNARD BERNINI

**AS REPRESENTAÇÕES DOS BIBLIOTECÁRIOS SOBRE O USO DAS
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO
NA BIBLIOTECA DA FABICO**

**Porto Alegre
2012**

ISMAEL MAYNARD BERNINI

**AS REPRESENTAÇÕES DOS BIBLIOTECÁRIOS SOBRE O USO DAS
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO
NA BIBLIOTECA DA FABICO**

Monografia desenvolvida como requisito parcial para a conclusão da atividade Trabalho de Conclusão de Curso, apresentada para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi.

Porto Alegre
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretora: Prof.^a Dr.^a Regina Helena van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe Substituta: Prof.^a Dr.^a Sônia Elisa Caregnato

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Samile Andréa de Souza Vanz

Vice-Coordenadora: Prof.^a Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira

CIP - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B528r Bernini, Ismael Maynard

As representações dos bibliotecários sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação : um estudo de caso na Biblioteca da Fabico / Ismael Maynard Bernini. 2012.

72 f.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi.

Trabalho de conclusão (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Biblioteconomia. Porto Alegre, 2012.

1. Biblioteca universitária. 2. Memória. 3. Tecnologias da informação e comunicação. 4. Representação social. I. Morigi, Valdir José. II. Título.

CDU 027.7

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Campus Saúde

Bairro Santana

Porto Alegre – RS

CEP: 90035-007

Telefone/Fax: (51) 3308-5146 / (51) 3308-5435

E-mail: dci@ufrgs.br

ISMAEL MAYNARD BERNINI

As representações dos Bibliotecários sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação: um estudo de caso na Biblioteca da Fabico

Monografia apresentada para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Valdir José Morigi – UFRGS/DCI
Orientador

Prof^a. Dr^a. Eliane Lourdes da Silva Moro – UFRGS/DCI
Examinadora

Prof^a. Me. Magali Lippert da Silva – IFRS/POA
Examinadora

Porto Alegre, 2012.

AGRADECIMENTOS

Dedico meu primeiro e profundo agradecimento a Carina Pahim, colega e grande amiga que me deu a melhor notícia de minha vida (até hoje), a de que tinha passado no Vestibular!!

À minha mãe (Raquel T. Bernini), que sempre me impulsionou a estudar! Indicando-me sempre um caminho de retidão! E está sempre presente com seu amor a carinho.

Aos meus irmãos, Samuel (Muka) que me apresentou a possibilidade de ingressar na então Escola Técnica da UFRGS, primeiro passo para realização do meu sonho de ser bibliotecário; e Moisés (Juka), que sempre esteve próximo nos “momentos difíceis” que tive com a tecnologia (computador).

A meu tio José (Dedé) que do seu jeito, sempre me incentivou e sempre esteve presente em minha nessa caminhada.

Ao meu orientador Prof. Valdir Morigi, que se mostrou sempre muito paciente, mantendo-se disposto e entusiasmado na realização desta pesquisa. Bem como pelas críticas e sugestões relevantes.

Ao Renato Pieretti que me abriu as portas do LACRE (Laboratório de Conservação e Restauro), me dando uma oportunidade única de aprender e por em prática a Arte de restaurar livros, mostrando-se um chefe e amigo bem divertido! Afinal de contas, segundo ele “é melhor ler isso do que ser cego!”.

À Miriam Moema Loss, que possibilitou a realização deste trabalho com sua presteza, auxílio e disponibilidade de ajudar em todas as horas; e cuja amizade, paciência e dedicação me serão sempre inestimáveis.

À Inês Maria de Gasperin, que desde a “pipoca de queijo” acabou se tornando minha amiga, incentivadora, Professora de Indexação, companheira de artigos, “*Chef* dos Capelletti” e meu “Norte” na carreira.

À Mara Lucia Meireles, que desde que entrou em minha vida, foi minha amiga, companheira de viagens (a maioria só no *site* Canal do Tempo, kkkk, mas não importa, pois foram ótimas!), minha consultora na “crise” de matrícula, e minha Professora de Catalogação preferida.

Ao Roberto dos Santos, ao Fernando Veloso, a Josiane Costa, que também me acolheram, aturaram, ensinaram, incentivaram, enquanto estive na Biblioteca, e com sua amizade iluminaram meu caminho na Fabico e na Biblioteconomia.

E por último, lembrando que os últimos são também os primeiros, não poderia esquecer dos amigos de todas as horas: Beatriz Sant’ Anna, Eduardo José dos Santos e Aline de Fraga Sulzbach, que também trilharam este caminho sempre a meu lado, dando o melhor deles...dançando... me apoiando/escutando... arranjando citações, respectivamente. kkkk

“Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir”
(José Saramago)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender como ocorreram as transformações nas bibliotecas universitárias a partir do advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), bem como quais foram as representações dos bibliotecários e ex-bibliotecários da Biblioteca da Fabico (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação) que atuaram no período de 1980 a 2000. Para isso foi realizada uma revisão de literatura sobre as temáticas pertinentes: as representações sociais, as sociabilidades, o impacto das Tecnologias da Informação e Comunicação e as bibliotecas universitárias. Por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo optou-se como ferramenta para coleta de dados entrevistas individuais, gravadas em vídeo, que foram norteadas por um roteiro semi-estruturado de questões. Entrevistas estas que tiveram posteriormente seu conteúdo analisado sob o ponto de vista de um estudo de caso. Obtendo como resultado um panorama dos impactos sofridos pelos bibliotecários e da própria biblioteca com o advento das tecnologias, no que concernem as suas representações e sociabilidades.

Palavras-chave: Representações sociais. Tecnologias da informação e comunicação. Sociabilidades. Bibliotecas universitárias.

ABSTRACT

This study aims to understand how the changes occurred in university libraries since the advent of Information and Communication Technologies (ICTs) as well as what were the representations of librarians and former librarian of the Library of FABICO (School of Library and Communication) who served from 1980 to 2000. For this is a review of the literature on relevant topics: social representations, the sociability, the impact of Information Technology and Communication and university libraries. Because it is a qualitative research was chosen as a tool for data collection interviews, videotaped, which were guided by a semi-structured questions. These interviews that were later content analyzed from the viewpoint of a case study. Getting an overview as a result of impacts suffered by the librarians and the library itself with the advent of technology, in which concern their representations and sociability.

Key-words: Social representations. Information and communication technologies. Sociability. University libraries.

LISTA DE SIGLAS

ALEPH – *Automated Library Expandable Program*

BC – Biblioteca Central

CALCO – Catalogação Legível em Computador

CBS – Ciências Básicas da Saúde

CD-ROM – *Compact Disc Read-Only Memory*

CEDOP – Centro de Documentação e Pesquisa de Saúde e Trabalho

ComAut – Comissão de Automação

CPD – Central de Processamento de Dados da UFRGS

CERLIJ – Centro Referencial de Literatura Infanto-Juvenil

FABICO – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia

ICTA – Instituto de Ciência e Tecnologia em Alimentos

IES – Instituições de Ensino Superior

IFRS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - RGS

IPH – Instituto de Pesquisas Hidráulicas

MPEG4 – *Moving Picture Experts Group Layer-4*

PNEs – Pessoas com Necessidades Especiais

SABi – Sistema Automatizado de Bibliotecas

SBUFRGS – Sistema de Bibliotecas Universitárias da UFRGS

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TI – Tratamento da Informação

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

VHS – *Video Home System*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA	12
1.2 OBJETIVO	13
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SOCIABILIDADES E A MEDIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	14
2.1 OS IMPACTOS DAS TICS NA SOCIEDADE E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	19
2.2 O IMPACTO DAS TICS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: NOVAS SOCIABILIDADES E REPRESENTAÇÕES.....	23
2.2.1 Serviços Prestados	28
2.2.2 Usuários	31
2.2.3 Acervo	32
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	35
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA.....	35
3.2 TIPO DE ESTUDO.....	36
3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	37
3.4 SUJEITOS DA PESQUISA	38
3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	39
3.6 ANÁLISE DOS DADOS	41
3.7 UNIVERSO DE ANÁLISE	42
3.7.1 Histórico do Sistema de Bibliotecas da UFRGS	42
3.7.2 Histórico da Biblioteca da FABICO	44
4 AS REPRESENTAÇÕES DOS BIBLIOTECÁRIOS SOBRE O USO DAS TICS NA BIBLIOTECA DA FABICO/UFRGS	48
4.1 O PERFIL DOS PROFISSIONAIS	48
4.2 OS IMPACTOS DAS TICS NA BIBLIOTECA.....	50
4.3 AS SOCIABILIDADES	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60
APENCICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	65
APÊNDICE B – Roteiro de Perguntas para Entrevista	66
ANEXO A – Mensagens deixadas pelos usuários na Árvore de Natal / 1985	67
ANEXO B - Cartão de Natal elaborado pelo Jornalismo Carlos Henrique Iotti	71
ANEXO C – Mensagem do aluno Milton Souza	72

1 INTRODUÇÃO

Pelos mais variados motivos, como a limitação de nossa memória, a falta de registros físicos e a quase inexistência da transferência oral como forma de registro dos fatos, nossa história e cultura acabam por desaparecer neste labirinto nebuloso que denominamos tempo.

Desde a longínqua Biblioteca de Nínive, onde por ventura repousaram por séculos os escritos sumérios até a grande enchente de Florença na década de 60, que trouxe à tona a preocupação com a preservação e a conservação, temos testemunhado o desaparecimento, a descoberta, o resgate, a organização e a conservação de nossos registros históricos nas mais variadas partes do globo, estes, gravados nos mais inusitados suportes e formatos. Pedras, couros, ossos, folhas de palmeiras, barro e metais foram empregados na tentativa profícua - em muitos casos - de perpetuar a história para outras gerações e outros povos.

E assim através dos séculos, o homem vem tentando guardar, recuperar, conservar, ou possuir esses fragmentos de sua própria história. Criando inicialmente seus gabinetes de curiosidades, passando a grandes coleções particulares - ainda um *hobby* muito popular, e depois os museus, arquivos, e bibliotecas nacionais. Estes talvez com o intuito inconsciente de preservar e disseminar uma ideologia e um sentimento ufanista para fortalecer os então, Estados Nacionais. Mas que mantiveram reunidos sob sua égide milhares de volumes e objetos de alguma maneira catalogados, os quais serviram para preservar a história de suas nações, povos e culturas.

Passamos evidentemente pelas universidades, que sempre foram fomentadoras do conhecimento e abrigaram em suas bibliotecas um acervo vasto e riquíssimo, de acesso por longo tempo limitado, a docentes catedráticos e religiosos. Este espaço tornou-se de fundamental importância para o desenvolvimento da sociedade como a percebemos hoje, ou seja, que pode ultrapassar o estágio da sociedade do trabalho, da informação e chegar a do conhecimento, na qual nos encontramos inseridos.

Partindo dessa premissa, podemos afirmar que todo este empenho em amearhar estes objetos (concretos ou não) do passado, não se limita a uma mera curiosidade técnica sobre o funcionamento de tais objetos, ou tão pouco pela

simples necessidade de posse. Visto que nem sempre os objetos ou lembranças carregam consigo um valor financeiro, mas sim um valor intrínseco que o torna na maioria das vezes inestimável.

Considerando a memória como sendo um fenômeno social, ou seja, que é construído e vivenciado em sociedade, podemos afirmar que a comunidade Fabicana¹ é detentora de uma memória coletiva ou institucional. Que mesmo contando com algumas iniciativas de resgate – como a do “livro virtual” onde fabicanos contam suas memórias², ainda assim, vem seguindo a inexorável tendência do esquecimento.

Assim, passamos pela comemoração dos 40 anos de criação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que mesmo cercada de câmeras fotográficas e livros, que ironicamente deveriam assegurar o registro fiel de sua própria história, se encontra com poucos registros e repleta de lacunas e distorções, por vezes consagradas pela sua repetição ao longo do tempo...

Não consideremos estes fatos como isolados, isto ocorre na maioria das instituições. Independentemente de sua economia (pública, privada ou mista), normalmente estas buscas por lembranças e relatos de funcionários/fundadores se dá apenas em decorrência de alguma datas comemorativas.

Esta realidade também se projetou sobre a história da Biblioteca da Fabico, visto que ao longo de seus 52 anos de atividades, muitas lacunas tanto sobre sua trajetória institucional, como das histórias e percepções de seus bibliotecários ao longo deste meio século, possivelmente em decorrência de estar inserida administrativamente em uma instituição maior.

Este estudo se debruçará apenas sob uma faceta deste prisma que é a longa trajetória Fabicana, visto que é impossível contemplar e aprofundar o tema em seus múltiplos aspectos em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Nesta pesquisa focaremos parte desta história, a que corresponde à história da Biblioteca da Fabico, mais precisamente a que corresponde ao processo de mudança dos suportes informacionais, após a inserção das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), seus impactos nas práticas, no Tratamento da Informação (TI), nas rotinas da

¹ Comunidade Fabicana são todos os atores que constituem a Fabico, isto é, seus alunos, professores, funcionários, etc.

² Coletânea de textos, escritos por ex-alunos, professores, etc. contando suas memórias Fabicanas. Disponível em: <www.ufrgs.br/fabico>. Acesso em: 22 ago. 2011.

biblioteca e nas interações dos profissionais com os usuários da biblioteca a partir da percepção, representações e sociabilidade dos bibliotecários e ex-bibliotecários desta unidade de informação.

Assim sendo, este estudo de caso procura recuperar parte da história da Biblioteca da Fabico, através da memória dos atores que participaram do processo de implantação das TICs, a partir dos seus relatos, narrativas e recordações. A pesquisa busca compreender como ocorreram essas transformações no comportamento dos profissionais que atuam neste contexto e também as mudanças nos processos de interação com os usuários da Biblioteca, comparando como eram as práticas profissionais e as interações destes com os usuários antes e depois da introdução das TICs.

1.1 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA

No decorrer da existência de uma biblioteca muitos são os fatos que se perdem no decorrer do dia-a-dia, muitas pessoas a constroem e mais pessoas ainda a freqüentam. Com isto confirmamos, em certo aspecto, a assertiva lei que nos traz Ranganathan (1931, p.382, tradução nossa), segundo a qual a “[...] biblioteca é um organismo vivo e em crescimento [...]”.

Seguindo neste sentido, vislumbramos a Biblioteca da Fabico, uma biblioteca universitária, com mais de meio século de atividades e cuja história encontra-se, no mínimo fragmentada. Parcos são os documentos relativos à sua criação e desenvolvimento, uma vez que ela faz parte de uma estrutura organizacional maior, a UFRGS, onde há uma centralização na tomada de decisões sendo permeada pela burocracia necessária à sua manutenção. Entretanto, uma grande parte da história desta Biblioteca é parte intrínseca da história individual e social, que se manifesta através da memória das pessoas que vivenciaram essa trajetória pessoal e institucional.

Assim, este estudo procura contribuir no sentido de recuperar parte da história da Biblioteca da Fabico, a partir da percepção dos bibliotecários e ex-bibliotecários com a implantação das TICs e sua relação com os usuários da biblioteca, tendo

como fonte de informação os depoimentos e os relatos dos atores que participam e participaram da construção desta história.

As principais indagações deste estudo são: quais as representações dos bibliotecários sobre as mudanças nas bibliotecas universitárias a partir da implantação das TICs? Como, a partir das TICs, podem ser caracterizados os processos interativos entre esses profissionais e os usuários da biblioteca?

1.2 OBJETIVO

Compreender como ocorreram as transformações nas bibliotecas universitárias a partir da introdução das TICs e as representações dos profissionais³ que atuam e atuaram neste contexto a partir de um estudo de caso na Biblioteca da Fabico / UFRGS.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Caracterizar o perfil dos profissionais que atuam e atuaram na biblioteca da Fabico;
- b) Identificar quais os impactos das TICs no ambiente da Biblioteca da FABICO;
- c) Identificar as principais mudanças percebidas pelos profissionais da Biblioteca a partir da introdução das TICs no ambiente de trabalho;
- d) Caracterizar os processos interativos entre os bibliotecários e os usuários antes e após a introdução das TICs na Biblioteca.

³ Bibliotecários e ex-bibliotecários da Biblioteca da Fabico.

2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SOCIABILIDADES E A MEDIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Muitas áreas das denominadas Ciências Sociais lançaram mão deste conceito de representações sociais, tais como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia Social e a Ciência da Informação. Esta grande aceitação dentro destas áreas deve-se, possivelmente, a sua grande flexibilidade nas possibilidades de análise.

Este conceito de representações sociais tem sua “origem” na Sociologia, proveniente dos conceitos de “representações individuais” e “representações coletivas” propostas por Émile Durkheim (1973, p. 79), que as definia como sendo “[...] a maneira como o grupo pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia [...]”. No entanto esta teoria dividia categoricamente os tipos de representações, como sendo as “individuais” de caráter psicológico; e as “coletivas” de cunho sociológico, preconizando assim, apenas os aspectos sociológicos. Fato que talvez tenha mantido por longo tempo, este conceito de “representações sociais” restrito somente à Sociologia, e até mesmo “relegado ao ostracismo” em certo aspecto.

Podemos afirmar que seu ressurgimento como teoria da psicologia social é realizada na década de 60 como é relatado por Segal (2000, p. 128), “[...] o resgate foi feito por Sergê Moscovici, em 1961, e busca designar fenômenos múltiplos, observados e estudados em termos de complexidade individual e coletiva ou psicológicas e sociais”. Nesta releitura do autor (1978, p. 28), traz o conceito de representação social, onde afirma que:

[...] A representação social é um *corpus* organizado de conhecimentos e das atividades graças às quais o homem torna inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação [...]

A motivação que possivelmente levou Moscovici a fazer esta releitura é apresentada por Alexandre, da seguinte forma:

O que motivou Moscovici a desenvolver o estudo das representações sociais dentro de uma metodologia científica foi sua crítica aos pressupostos positivistas e funcionalistas das demais teorias que não explicavam a realidade em outras dimensões, como é o caso da dimensão histórico-crítica. Grande parte dos teóricos da Psicologia Social, anteriores à Segunda Guerra Mundial, fez distinção entre o individual e o coletivo (compreendido como cultura ou sociedade). A razão para tal procedimento era a crença, por parte dos estudiosos, de que as leis que explicavam os fenômenos coletivos eram diferentes do tipo de leis que explicavam os fenômenos individuais. (ALEXANDRE, 2004, p. 124).

Ainda assim esta iniciativa não obteve uma aceitação imediata no meio acadêmico da época entretanto desde meados da década de 80 vem sendo largamente utilizado, como podemos depreender no texto de Arruda (2002, p. 128):

A obra seminal de Moscovici, *La Psychanalyse: son image, son public*, que contém a matriz da teoria, surge em 1961 na França, causando espécie nos meios intelectuais pela novidade da proposta. Entretanto, foi um rápido momento de impacto que não produziu desdobramentos visíveis. A perspectiva moscoviciano permaneceu encerrada no Laboratório de Psicologia Social da *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, e nos laboratórios de colegas como Claude Flament, Jean Claude Abric, no sul da França, e outros também interessados por ela, de forma mais dispersa, na Europa. A teoria aparentemente não vingou de imediato, fazendo sua reaparição com força total no início dos anos 80.

Este longo período de “incubação” desse conceito remete, possivelmente, ao fato de não ter existido a tradução imediata da obra de Moscovici para a Língua Inglesa. Ou tenha sido um tempo necessário para o amadurecimento das vertentes teóricas de ambas as áreas (Sociologia e Psicologia), ratificando com as ambigüidades existentes e consolidando um novo paradigma – a Psicologia Social.

De modo que podemos afirmar que as representações sociais podem ser caracterizadas, então, por serem um “híbrido” de conceitos e teorias advindas da Sociologia e da Psicologia Social, que se consolidaram como formas metodológicas para interpretação de todo um contexto sócio-cultural em que os sujeitos estão inseridos e como estes interagem com este meio.

Sintetizando estas abordagens, Minayo⁴ (1992, p. 173 apud JARDIM, 1996, p. 21) afirma que: “[...] podemos dizer que as representações sociais enquanto senso comum, idéias, imagens, concepções e visão do mundo que os atores sociais possuem sobre a realidade são um material importante para a pesquisa no interior das ciências sociais [...]”.

Neste sentido as representações sociais podem analisar muito bem as percepções dos indivíduos com o meio em que atuam ou sua interação com as ferramentas de seu trabalho. Evidenciando a sociabilidade com tais meios, como nos afirmam os autores Cury, Ribeiro e Oliveira (2000, p. 2) “[...] o trabalho com as representações de um determinado grupo social permite, pelo conhecimento dos objetos sociais, a possibilidade de apreender o uso que dele fazem os indivíduos ou os grupos.”

Outros estudiosos como Jodelet⁵ e Goffman⁶ também teorizaram sobre este conceito de representações sociais. Porém, no que tange a esse estudo a teoria das Representações Sociais que vem sendo utilizada nas Ciências da Informação, com mais frequência e aceitação é a proposta por Moscovici, além de vir ao encontro das intenções desse estudo, de entender as representações dos bibliotecários no que concerne a implantação das TICs. Portanto é sob este prisma da Teoria das Representações Sociais que se baseia o cabedal teórico sobre representações.

Em sua perspectiva da teoria das representações Moscovici (1976, p. *xiii*, apud DUVEEN, 2003, p. 21) define uma representação social como sendo:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidades, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Segundo este viés moscoviciano, a ancoragem e a objetivação são características fundamentais da Teoria das Representações. Para Moscovici (2003)

⁴ MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco, 1992. p. 173.

⁵ JODELET, D. **Psychologie sociale**. Paris: PUF, 1990.

⁶ GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

o processo de representação social é fruto de dois “mecanismos” baseados em memórias e em conclusões vivenciadas. O funcionamento desse mecanismo é apresentado por Moscovici (2003, p. 60, 61) de forma bastante elucidativa:

O primeiro mecanismo tenta ancorar idéias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar. Assim, por exemplo, uma pessoa religiosa tenta relacionar uma nova teoria ou comportamento de um estranho, a uma escala religiosa de valores. O objetivo do segundo mecanismo é objetivá-los, isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico. As coisas que o olho da mente percebe parecem estar diante de nossos olhos físicos e um ente imaginário começa a assumir a realidade de algo visto, algo tangível. Esses mecanismos transformam o não-familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar, e, conseqüentemente, controlar. Sendo que as representações são criadas por esses dois mecanismos [...]

Para um melhor entendimento dos processos que envolvem esse complexo mecanismo, faz-se necessário reforçar a conceituação das características apresentadas, a **ancoragem** que nada mais é do que um processo mental/social sob o qual classificamos/denominamos coisas ou fatos. Baseados obviamente em algum conceito já estabelecido e introjetado. Tudo isso conforme Moscovici (2003, p.70) com o objetivo principal de “[...] facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões.” Assim sempre que nos deparamos com algo/algum estranho ou desconhecido procuramos categorizá-lo imediatamente, buscando com isso torná-lo “normal” aos nossos “olhos”. Com isso podemos classificá-lo de alguma forma, segundo modelos preexistentes em nossa mente e estabelecer uma relação (boa ou má) com este objeto.

A **objetivação** é um processo bastante intrincado, consiste prosaicamente na “concretização” de uma abstração, isto é, dar uma imagem a um conceito tornando-o real/concreto. Moscovici (*ibidem*, p. 72) traz um exemplo que elucidava esse conceito de objetivação, de forma muito clara: “Temos apenas de comparar Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes, como uma pessoa a quem nós podemos responder como tal.” Portanto a existência de uma grande quantidade de referências (imagens) atribuídas a um conceito e

paradigmas atuais que se aproximem deste torna o conceito mais aceitável, de certa forma.

Ambos os processos se encontram em uma espécie de “simbiose” com a sociabilidade, visto que por meio desses processos de ancoragem e objetivação, criamos ou nos apropriamos de “novos” conceitos e conseqüentemente produzimos conhecimento, que segundo Duveen (2003, p. 8, 9) “[...] é sempre produzido através da interação e comunicação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão implicados. O conhecimento emerge do mundo onde as pessoas se encontram e interagem [...]”, o que corrobora também a idéia de que o conhecimento é uma modalidade de representação.

Ratificando essas idéias de Duveen (2003, p. 21) ainda nos afirma que “as representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como uma conseqüência do equilíbrio específico desses processos de influencia social.”

Logo, nos deparamos com a “interferência” dessa sociabilidade, que acaba por exercer influência nas representações, esta sociabilidade nada mais é que os processos de interação entre os indivíduos. Cujo processo sofreu uma grande alteração, pois as relações face a face passaram a ser mediadas por máquinas/tecnologia, que podemos entender aqui como sendo o advento das TICs, que interferiram em todos os campos da Ciência e da sociedade. Criando novas representações sociais e novas formas de sociabilidade entre os indivíduos que com elas convivem ou que as manipulam.

Agregados a esses conceitos, de representações sociais e de sociabilidade encontramos abrigo para uma gama imensa de possibilidades a serem analisadas, que podem viabilizar o entendimento dos impactos das TICs tanto nos indivíduos, como em seus grupos, dando um panorama holístico sobre a realidade (representações, percepções e interações) criada ou vivenciada por cada sujeito.

Tendo como suporte a análise de conteúdo (de entrevistas), podemos “visualizar” como ocorreram às interações de um grupo específico de indivíduos, no caso deste estudo os bibliotecários, com a implantação paulatina das TICs no cotidiano da Biblioteca. Através das representações que criam ou criaram sobre as mudanças ocorridas na realidade a sua volta, trazendo inúmeros impactos.

2.1 OS IMPACTOS DAS TICS NA SOCIEDADE E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Devido ao seu crescimento astronômico nas últimas décadas, por vezes somos levados a pensar que as TICs são “produtos” do século XXI. Já em meados do século XX Paul Otlet já idealizava um catálogo universal de fichas catalográficas, onde de qualquer lugar do globo possibilitasse a solicitação de informações a respeito de um item, analógico obviamente, mas já existia um embrião da realidade na qual estamos inseridos atualmente. Outros vieram, com pensamentos ainda mais futuristas para sua época, e que estavam cada vez mais próximos da realidade da grande revolução tecnológica que se iniciou com o advento da *internet*.

Entre estes estão os cientistas estadunidenses Vannevar Bush e Theodor H. Nelson, os quais podemos destacar entre os pioneiros na Tecnologia da Informação. Bush já em 1945 publica um artigo revolucionário intitulado “*As We May Think*”⁷ que apresenta entre outros avanços um dispositivo por ele chamado de Memex, muito próximo do que conhecemos como computadores ou até mesmo *tablets*, que é explicado por Bush (1945, p. 4, tradução nossa):

[...] é um dispositivo que permitirá a uma pessoa armazenar todos os seus livros, arquivos, e correspondências, e que é mecanizado de tal forma que poderá ser consultado rapidamente e com flexibilidade. Na verdade, seria um suplemento ampliado e íntimo de sua memória. O *MEMEX* consiste de um escritório, que se bem operado a distância, constituirá primariamente o local de trabalho do utilizador.

Seguindo esta tendência, encontramos Theodor Nelson, na década de 60 que criou o termo *hipertexto* e o Projeto Xanadú, que vem a ser o desenvolvimento de um *software*, capaz de processar textos e de lidar com as múltiplas versões deste, e mostrar as diferenças entre essas versões. Muito parecido com a *Web*, porém com “*linkagem*” *multidirecionais* e menos suscetível a falhas de “*linkagem*”.

⁷ BUSH, V. As we may think. In: **Atlantic Monthly**, v.176, 1, p.101-108, 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1969/12/as-we-may-think/3881/>>. Acesso em: 20 out. 2011.

Aqui já podemos notar uma alteração nos processos de interação, homem-máquina, que Nelson e Bush já idealizavam mesmo que inconscientemente. Outro modo de sociabilidades menos analógico e até mais globalizado estava sendo concebido. Certamente estes novos conceitos exigiram novas representações tanto pela sociedade científica como pela sociedade em geral. Para aceitarem esta nova realidade *sui generis* que surgia então.

Como vemos a revolução tecnológica vem acontecendo ao longo das décadas e sempre se calcou na facilitação e na disponibilização de informação, bem como na busca por novos meios de comunicação. Castells⁸ (1996, p.3 *apud* MORIGI, SILVA, 2005, p.127) ratifica esta ideia em sua contribuição:

Esse fato é conseqüência do impacto combinado de uma revolução tecnológica baseada em tecnologias de informação/comunicação, a formação de uma economia global e um processo de mudança cultural cujas principais manifestações são a transformação do papel das mulheres na sociedade e o aumento do desenvolvimento de uma consciência ecológica.

A revolução tecnológica não modificou o mundo apenas nos aspectos político-econômicos, mas também no sócio-cultural, que demandou novos processos de ancoragem e objetivação por parte da sociedade. As TICs influenciaram definitivamente nosso modo de se comunicar e de interagir com as pessoas e com as instituições. A interação pessoa-pessoa não deixou de existir, mas diminuiu principalmente nos campos de trabalho e ensino. Segundo Morigi e Silva (2005, p.127) “[...] as TICs vêm provocando profundos impactos sociais e culturais, alterando a forma como os indivíduos se comportam e a sua postura diante do novo contexto social em que estão se ambientando.”

O grande passo necessário para o “deslanchar” da Sociedade da Informação e conseqüente início efetivo das transformações nas representações dos indivíduos, foi sem dúvida o estabelecimento/criação da *internet*. Com ela o mundo rapidamente se informatizou e sua propagação quase imediata em todo o globo, fazendo com que parte de nossa vida se transferisse para esta grande “teia”. Atualmente é pela

⁸ CASTELLS, Manuel. Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade informacional. *In*: CASTELLS, Manuel *et al.* **Novas perspectivas críticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 3-31.

internet que enviamos nossas cartas, pessoais ou de trabalho; conversamos com os amigos; pagamos contas; sabemos das notícias; lemos nossos livros e jornais, e alguns até mesmo namoram, isto é, profundas mudanças ocorridas nas formas de sociabilidade, o que induz aos indivíduos um processo de consolidação de novos conceitos, valores, crenças, entre outros.

Cabe ressaltar que a *internet*, foi um dos produtos da revolução tecnológica, e que com ela surgiram novos meios de telecomunicação, de captura de imagens e as tão poderosas redes sociais que segundo Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005, p. 93) “[...] constituem uma das estratégias subjacentes utilizadas pela sociedade para o compartilhamento da informação e do conhecimento, mediante as relações entre atores que as integram.”.

E estas continuam aparecendo, pois vivemos em uma constante renovação da tecnologia, a eterna “versão beta”! O que incorre em que os processos de objetivação e ancoragem aconteçam cada vez mais constantemente. Para que a aceitação e a substituição de conceitos sejam absorvidas de forma menos traumáticas.

No entanto nos cabe aqui mais especificamente conjecturar um pouco mais aprofundadamente sobre o impacto destas TICs no já estereotipado mundo biblioteconômico. Do ponto de vista das novas interações e relações dos usuários com a biblioteca, reflexão corroborada pela contribuição de Morigi e Pavan (2003/2004, p. 54):

O uso de tais tecnologias cria novas formas de interação, novas identidades, novos hábitos sociais, enfim novas formas de sociabilidade. As relações sociais já não ocorrem, necessariamente através do contato face a face entre os indivíduos. Elas passaram a ser mediadas pelo computador, independentes de espaço e tempo definidos. Informação e conhecimento tornaram-se variáveis imprescindíveis para o cidadão na sociedade contemporânea que se estabelece, denominada das mais variadas formas, como Era da Informação, Sociedade Pós-Industrial, Era do Virtual ou Sociedade da Informação e do Conhecimento.

Outro aspecto muito importante do avanço progressivo das TICs é à inclusão social, que, por meio da TICs, encontrou um caminho para atingir um nicho que há muito tempo carecia de atenção, o de Pessoas com Necessidades Especiais (PNEs).

As TICs oferecem inúmeras possibilidades de comunicação, de interação e de inclusão social e digital, reduzindo o tempo e o custo e atendendo um maior número de necessidades individuais, tornando-se cada vez mais presentes e mais necessárias e assumindo um papel significativo de importância educacional, social e pessoal. Podem ser utilizadas pelos sujeitos, incluído as Pessoas com necessidades especiais (PNEs), que possuem limitações físicas, sensoriais, mental e/ou intelectual. (MORO; ESTABEL, 2012. p. 41).

Através desta inclusão podemos visualizar um dos pontos transformados pelas TICs no contexto social, pois tendo as TICs como instrumentos para mediação entre o “objeto” e as pessoas uma grande parcela da sociedade, antes excluída de qualquer forma de assistência neste sentido, passou a interagir com o mundo a sua volta de um novo modo. E este interesse pelas Pessoas de Necessidades Especiais (PNEs), também deve ser uma constante no universo da Biblioteconomia, pois cada vez mais as bibliotecas e instituições/empresas devem estar preparadas para atender a este público.

O volume de transformações sociais pelas quais a sociedade tem passado, mesmo que imperceptivelmente, são fantásticas. Isto é apresentado de forma clara e sucinta, do texto de Lima (2000, p. 9):

O impacto social da evolução tecnológica neste século foi de tal ordem que assistimos, no curto espaço de cem anos, ao homem criar extensões para suas pernas, inventando o automóvel para caminhar mais rápido, ir mais longe adquirindo asas e voando em objetos mais pesados que o ar, estender suas capacidade auditiva escutando vozes distintas através do telefone e do rádio, aumentando seu poder de visão iluminando as noites vendo o que se passa em terras distantes através da televisão, até conseguir estender seu cérebro para muito além da imaginação através do computador.

Todavia esta sucinta explanação sobre o assunto sinaliza apenas alguns pontos onde ocorreram mudanças, como nos aspectos sociais e culturais, visto que não tratamos dos aspectos econômicos e financeiros, largamente envolvidos, que permeiam todo este processo. Porém, somente por estes ângulos apresentados podemos visualizar a dimensão dos impactos gerados pelas TICs na vida social.

Elas afetam as formas de sociabilidade e as representações, trazendo mudanças no comportamento cotidiano das pessoas e dos grupos.

Em determinados ambientes onde a implantação das TICs ocorreu de forma bastante significativa, por se tratar de ambientes peculiarmente tradicionais e analógicos, como é o caso das bibliotecas universitárias, esses processos foram mais latentes.

2.2 O IMPACTO DAS TICS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: NOVAS SOCIABILIDADES E REPRESENTAÇÕES

Na impossibilidade de se abordar um assunto tão vasto como as bibliotecas sem contextualizá-lo, se faz necessário discorrer brevemente sobre as bibliotecas universitárias. Elas nasceram no curso da história com o surgimento das universidades a partir do século XII, na Europa. Visto que até então as bibliotecas e arquivos eram de cunho geralmente religioso, com exceção de coleções particulares pertencentes geralmente à alta nobreza.

Com o surgimento das universidades inicia-se um processo de laicização do conhecimento e conseqüentemente das bibliotecas, que saem paulatinamente da égide dos mosteiros (e do domínio religioso) passando a integrar estas universidades laicas. Neste sentido as bibliotecas perfizeram muitas fases de evolução e desenvolvimento, juntamente com o pensamento da própria sociedade que a cercavam para chegar próximo do que conhecemos atualmente.

Assim a biblioteca universitária passou por alguns paradigmas: de um “centro” religioso e restrito, a um espaço destinado a estudiosos e letrados, de instituição destinada à guarda e preservação do conhecimento, a uma unidade calcada no acervo, até chegar a sua configuração atual, mesmo que por vezes estereotipada, de uma unidade de informação que atende as necessidades de seus usuários, interage com a comunidade por meio da tecnologia, participa das redes sociais e atua na mediação da pesquisa.

De acordo com Lemos (1998) é nas bibliotecas universitárias que se concentra boa parte do acervo bibliográfico do país. Os acervos desse tipo de biblioteca são, em geral, voltados para o atendimento exclusivo de docentes e

estudantes da universidade a qual estão vinculados. Visto que normalmente estes acervos tratam de assuntos acadêmicos, que não atendem a realidade da comunidade local. Porém, quase todas as bibliotecas universitárias permitem a consulta local dos materiais da biblioteca.

As bibliotecas universitárias detentoras de grandes acervos, que tratam sobre as mais diversas áreas do conhecimento e por terem seu uso estreitamente ligado a pesquisa, deveriam possuir as melhores tecnologias e os últimos lançamentos relevantes de cada área do conhecimento. Porém, vemos em muitas universidades do país, principalmente as públicas, uma deficiência na quantidade e na qualidade de seus acervos. Corroborando esta situação encontramos Ferreira (1980, p. xix) que nos traz:

As bibliotecas não têm tido desenvolvimento compatível com o das universidades, embora os novos métodos de ensino, pesquisa e extensão, façam com que as bibliotecas universitárias sejam mais solicitadas, no sentido de melhoria de serviços, quer qualitativa, quer quantitativamente falando.

Infelizmente esta realidade não se alterou significativamente. O desenvolvimento profissional e acadêmico passa sem dúvidas pelas “estantes” de uma biblioteca universitária, pois estas têm um papel de centros disseminadores de informação, são elas que dão base à tríade de ensino, pesquisa e extensão *intra muros*, que deveria ser a prerrogativa máxima de toda Instituição de Ensino Superior (IES).

Um conceito interessante de biblioteca e de universidade nos traz Fonseca (1992, p. 63) afirmando que o objetivo da biblioteca universitária é:

Fornecer infra-estrutura bibliográfica e documental aos cursos, pesquisas e serviços mantidos pela universidade. [...] a universidade é uma biblioteca cercada de laboratórios e salas de aula: laboratórios e salas de aula onde se aplica e discute o que foi aprendido na biblioteca.

As universidades estão em efervescentes mudanças (culturais, sociais, paradigmáticas, entre outros) e as bibliotecas devem acompanhar essa evolução, procurando sempre agregar novos conhecimentos e facilitar o acesso à informação além de aproximar seus usuários por meio da tecnologia. Os serviços prestados por este tipo de biblioteca devem sempre estar voltados para o usuário, seja ele docente, estudante ou pesquisador, para assim fazer jus à contribuição que nos traz Milanesi (1985, p. 69) “a biblioteca universitária deveria ser a concretização mais imediata de uma das características da instituição à qual serve: a atualização permanente do conhecimento.”

As funções básicas de uma biblioteca universitária segundo Fujita (2005, grifo nosso) são: **guarda do conhecimento** (desenvolvimento de coleções; memória da produção científica e tecnológica, preservação e conservação), **organização do conhecimento** (qualidade de tratamento temático e descritivo que favoreça o intercâmbio de registros entre bibliotecas e sua recuperação), e **acesso ao conhecimento** (a exigência de informação transcende o valor, o lugar e a forma e necessita de acesso).

Todos estes aspectos “consagrados” da Biblioteconomia e conseqüentemente das bibliotecas universitárias, que foram sendo construídos ao longo desta história, e que estavam alicerçados nas “lides analógicas”, passaram por uma verdadeira revolução, a invasão tecnológica. O início desta revolução não foi muito amistoso, tendo em vista a contribuição de Milanesi (2002, p. 48) que diz: “Entre os profissionais que trabalhavam na organização de bibliotecas não houve expectativa positiva em relação à máquina, mas indiferença da maioria e alguma apreensão.” Porém as vantagens indiscutíveis oferecidas pelos computadores não tardou a render os preconceitos e temores das equipes das bibliotecas.

Como pode ser visto na afirmativa também de Milanesi (2002, p.48): “No entanto, quando se anunciava a potencialidade do novo instrumento, dizia-se de seus benefícios: ordena, classifica, calcula, procura, edita... O que um computador pode fazer coloca-o muito próximo do trabalho dos bibliotecários.” Isso pode ser considerado como primeiro indício de que a tecnologia transformaria positiva e completamente o modo de fazer biblioteconômico.

Obviamente que as TICs não se difundiram democraticamente no mundo dos livros. No Brasil elas chegaram em meados dos anos 80, em detrimento dos países europeus e norte americanos que já viviam esta realidade desde o início da década

de 60, onde encontramos, por exemplo, a *Library of Congress* em plena aplicação de tecnologias para atender a demanda de seus usuários.

Deve ser levado em consideração que os computadores não eram “bem vistos” no ambiente de bibliotecas logo que apareceram, e que no Brasil tiveram em média 20 anos de atraso tecnológico em relação à Europa e aos Estados Unidos. Devido a isso, sofreremos grandes prejuízos, já que neste período a informática ainda não estava consolidada e suas aplicações eram de certa forma “limitada”.

Até aqui tínhamos apenas tecnologia... Monousuários... Equipamentos... Foi com a invenção da rede das redes, a *internet*, que toda a revolução social, cultural e econômica, já mencionada, teve início. E foi através dela que a comunicação em massa tomou uma proporção “verdadeira”, que a biblioteca se despreendeu de suas barreiras físicas, que os serviços deixaram de serem presenciais e passaram a virtuais, e que até mesmo a leitura deixou de ser um canal estático com a criação dos *links*, etc. Neste sentido encontramos uma síntese deste período de “transição” no texto de Morigi e Pavan (2004, p. 121):

As bibliotecas como instituições sociais, são partes integrantes da sociedade. Como tais, também acompanham os processos de desenvolvimento econômico, social e tecnológico. No mundo contemporâneo, as bibliotecas passaram a utilizar técnicas e processos automatizados e, amparadas pelo conhecimento científico, começaram a dar um tratamento diferente em relação ao armazenamento, registro, disseminação e recuperação da informação.

Outro ponto que passou por profunda mudança foi à própria estrutura física das bibliotecas, que demandavam/demandam grandes espaços físicos, como nos mostra Cunha (2000, p. 78) “[...] as bibliotecas tradicionalmente convivem com problemas derivados da necessidade de instalações e áreas físicas suficientes tanto para armazenar seus acervos quanto para prover serviços a seus usuários.” Esta realidade se altera com o conceito de biblioteca digital/eletrônica que “[...] são simplesmente um conjunto de mecanismos eletrônicos que facilitam a localização da demanda informacional, interligando recurso e usuário.” (CUNHA, 2000. p. 78).

O avanço exponencial das TICs derrubou os “muros” das bibliotecas, principalmente da universitária, que passa a interagir de outras formas com a sua comunidade, visto que a abrangência de sua atuação também foi potencializada,

com a utilização dos *e-books*, vídeos, *audiobooks* e tantos outros suportes digitais de informação e seu compartilhamento.

Esta derrocada dos “muros das bibliotecas” atingiu também os modos de sociabilidade da biblioteca com seus usuários. No período “pré-tecnologia”, se assim podemos chamá-lo, esta interação era baseada puramente nas relações face a face, existentes entre bibliotecário e usuário, isto é, na presença física do usuário na biblioteca.

Com esta mudança de paradigma foi alterada a pedra angular desta sociabilidade. Estas interações foram quase completamente alteradas, obviamente existem bibliotecas tradicionais, mas seus produtos/serviços estão disponíveis também *online*, bem como a biblioteca que está cada vez mais presentes nas redes sociais. Deste modo a biblioteca passou a integrar não só a comunidade acadêmica, mas a fazer mais parte do próprio usuário, criando uma “simbiose” por meio da interação que é mediada pela tecnologia.

E assim, com a inclusão da *internet* na vida cotidiana, é que se tornou possível a chamada “globalização” não apenas no aspecto econômico, mas em um sentido muito mais abrangente, é neste período da história contemporânea onde os sujeitos deixam de “correr” obcecadamente pela informação e passam a ser reféns da quantia avassaladora de informações disponível *online*.

E aqui se reforça a importância da interdisciplinaridade entre os princípios da Teoria das Representações Sociais e conhecimentos teóricos da Biblioteconomia e sua aplicação no contexto em que se realizam as práticas dos bibliotecários no qual se executam tarefas de organizar e tornar acessíveis às informações em qualquer suporte. As suas práticas profissionais facilitam a disponibilização das informações, além de auxiliar os usuários na mediação da leitura, da tecnologia e da inclusão social.

O advento das TICs revolucionou os meios de interação, criando novos conceitos e novas representações. Morigi e Pavan (2003/2004) em seus dois trabalhos intitulados respectivamente: *Entre o "tradicional" e o "virtual": o uso das tecnologias de informação e comunicação e as mudanças nas bibliotecas universitárias*; e *Tecnologia de informação e comunicação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias* abordam estas questões de sociabilidades no universo das Ciências da Informação, trazendo à discussão o impacto das TICs nas práticas biblioteconômicas em bibliotecas universitárias. Outro exemplo de trabalho voltado a

esse tema nas Ciências da Informação é a dissertação de Nitschke (2008)⁹ que foca sua pesquisa na representações sociais dos usuários em relação as bibliotecas universitárias que freqüentam.

Todas estas transformações trouxeram novas formas de sociabilidade como também afetou as representações dos sujeitos envolvidos com o ambiente das bibliotecas universitárias, seus usos e as interações entre os usuários com seus profissionais. Assim, as TICs constroem novos entendimentos, concepções sobre as bibliotecas e suas funções no ambiente universitário, bem como criam novas representações sobre os bibliotecários, suas práticas e os serviços prestados pela biblioteca aos usuários, o uso do acervo cada vez mais mediado pelas tecnologias.

Assim, a partir destes estudos, observamos que as mudanças no contexto das bibliotecas, com a introdução e a consolidação do uso das TICs, se manifestaram de diferentes formas. No ambiente das bibliotecas universitárias as transformações se refletiram no dinamismo dos serviços oferecidos, na relação do bibliotecário com o acervo da biblioteca e com o próprio usuário – e vice versa, e principalmente, nas rotinas de trabalho do bibliotecário com suas “tradicionais” ferramentas de trabalho.

A seguir veremos os reflexos desses impactos em alguns pontos mais específicos das bibliotecas universitárias como seus serviços, seus usuários e seu acervo, com o fito de melhor entender a dimensão dos impactos causados pelas TICs nesse universo.

2.2.1 Serviços Prestados

Uma biblioteca universitária se caracteriza de certa forma por prestar mais serviços, do que o oferecimento de produtos. Dentre os serviços prestados comumente por uma biblioteca universitária, está o empréstimo de livros, que sem dúvida é um dos serviços mais significativos para os usuários até hoje.

⁹ NITSCHKE, A. M. **Representações sociais e práticas profissionais na sociedade da informação**: estudo com usuários de bibliotecas universitárias de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13795/000651122.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

Este serviço pode contar com algumas peculiaridades, como por exemplo, o empréstimo domiciliar com prazos diferenciados entre professores e alunos. Mas esta é apenas uma das múltiplas facetas que podemos apresentar sobre os serviços atribuídos a uma biblioteca universitária.

Entretanto, desde sua gênese, a biblioteca universitária tem por finalidade o atendimento a sua comunidade acadêmica, o que a caracteriza por ter um acervo, em geral, muito especializado em uma determinada área do conhecimento, e ter seus produtos e serviços também voltados para este nicho.

Os principais serviços oferecidos em uma biblioteca até a invasão da *internet* eram os seguintes:

- a) Orientação no uso das obras de referência;
- b) Elaboração de fichas catalográficas;
- c) Levantamentos bibliográficos;
- d) Serviço de referência (presencial);
- e) Comutação bibliográfica (nacional e internacional);
- f) Empréstimo inter-bibliotecas;
- g) Empréstimo domiciliar;
- h) Consulta local;
- i) Visitas guiadas;
- j) Normalizações;
- k) Produção de sumários correntes;
- l) Catálogos coletivos;
- m) Microfilmagens;
- n) Empréstimo de fitas de vídeo (VHS).

Todos estes serviços eram oferecidos em “formato analógico”, isto é, eram executados manual e/ou presencialmente. A chegada das TICs trouxe um sopro de mudanças para todos esses serviços. Como podemos ver na fala de Penna (1979, p. 12) ainda na década de 70 onde diz: “[...] a recente mudança na própria função da biblioteca acrescentou uma nova dimensão ao planejamento de serviços [...]”, corroborando a idéia de que as bibliotecas se reinventaram, adaptando, alterando ou

criando novos serviços para não sucumbir a sua própria obsolescência, caso não se integrasse as TICs.

Esta reinvenção não se restringiu à biblioteca de forma genérica, mas também a cada um de seus bibliotecários de maneira particular. A mudança ocorrida nos processos de interação (homem-máquina, bibliotecário-usuário e vice-versa), existente no âmago de uma biblioteca afetou diretamente as representações tanto dos bibliotecários como dos usuários, evidenciados através de estudos realizados. Alterando fisicamente o formado dos serviços prestados e as formas de sociabilidade.

Neste sentido, podemos afirmar que no decorrer das últimas duas décadas as bibliotecas universitárias se “repaginaram” tornando-se não apenas um local de guarda e preservação do conhecimento universal e da produção intelectual da própria universidade, mas também centros de informação, disseminadores de informação em todos os meios e suportes. Tendo a maioria de seus serviços disponíveis 24h, por meio da *internet*, e que são voltados aos usuários, remotos em potencial.

A *internet* possibilitou ultrapassar a fronteira física da biblioteca e atender as necessidades de seus usuários a distância, além de ampliar sua área de abrangência, podendo passar a atender melhor, também, a um nicho de usuários antes desprestigiados, ou seja, as PNEs.

Muitas bibliotecas universitárias já estão disponibilizando um serviço específico para usuários com necessidades especiais. Esse serviço visa facilitar o acesso a todos os serviços da biblioteca, pelos alunos e professores que tenham algum tipo de incapacidade física, seja ela permanente ou temporária. (UNIVERSIA , 200?¹⁰).

Desta maneira as bibliotecas universitárias puderam resignificar o sentido de *internet*, acompanhando o desenvolvimento das demais TICs. Tais instrumentos possibilitaram a realização de estudos na área das Ciências da Informação, pois através dela pode se expandir, criar, reinventar formas de participação mais ativas dos sujeitos envolvidos com meio acadêmico na formas de atuação seja em relação

¹⁰ Documento eletrônico.

a pesquisa, o ensino e a extensão universitária através do suporte aos alunos e professores.

Porém este processo demandou um esforço no sentido de conseguir renovar os conceitos, as percepções e as práticas dos bibliotecários, pois todas as relações existentes entre os bibliotecários e seu trabalho sofreram mudanças, bem como sua sociabilidade com os usuários.

2.2.2 Usuários

As bibliotecas universitárias têm por prioridade dar suporte aos estudantes, no seu processo de formação acadêmica e/ou pesquisa, por meio de seus serviços e de sua infra-estrutura. Também atende as necessidades dos professores, que geralmente precisam de um atendimento mais específico para levar a efeito seus trabalhos de docência e pesquisa.

Para Sanz Casado (1994, *passim*, tradução nossa) os tipos de usuários da informação são: o pesquisador e o professor, a indústria, o gestor, e o cidadão comum. A esta tipologia podemos acrescentar sem nenhum constrangimento acadêmico, os discentes.

Talvez tenha sido neste ponto onde se possam visualizar melhor as mudanças operadas pelas TICs. A tecnologia não alterou a “vida” apenas das instituições, mas principalmente a das pessoas. O volume de informações disponíveis na *internet*, e todos os suportes criados onde se pode acessá-las como nos telefones celulares, *tablets*, *notebooks*, gerou impactos no modo como os usuários se relacionam com a instituição e com os bibliotecários.

Podemos acessar e solicitar informação em qualquer lugar, e a qualquer momento. Isto indica que possivelmente o perfil, as exigências e as necessidades dos usuários mudaram e também suas representações sobre a biblioteca e o bibliotecário. O que impulsionou as bibliotecas não só a automatizarem seu processamento técnico, decorrência do avanço tecnológico, mas também a lançarem mão de outras ferramentas disponíveis *online*, como:

- a) *Sites*;
- b) *Blogs*;
- c) *Wikis*;
- d) Marcadores sociais;
- e) Redes sociais;
- f) Mídias compartilhadas;
- g) Tutoriais *online*;
- h) *Chats*;
- i) *Feeds*.

Esperando assim atingir os “novos usuários” que migraram para este mundo virtual e já não freqüentam a biblioteca física de suas universidades. Obviamente esta não é uma realidade unânime, existem ainda muitas bibliotecas que não acompanharam esta tendência, pelos mais variados motivos que não caberiam aqui elencar. Entretanto, muitos aspectos passam despercebidos nesse contexto, como por exemplo, a reação dos bibliotecários frente às mudanças no comportamento dos usuários ou até mesmo a sua relação aos usos do acervo.

2.2.3 Acervo

A perspectiva do bibliotecário sobre o acervo da unidade de informação na qual atua também sofreu significativa transformação. A expansão das tecnologias em meados dos anos 80 nas bibliotecas brasileiras trouxe uma nova forma de olhar para o acervo, alterando os conceitos sobre o acervo, as práticas da profissão e o conceito de usuário.

Conceitos estes que vão desde: bases de dados, disquetes, CD-ROM (*Compact Disc Read-Only Memory*), até hoje comuns, *internet*, *terabytes* e *blu-ray*. Toda essa diversidade de ferramentas possibilitou a biblioteca migrar seu acervo, a começar pelos catálogos e bases de dados que foram disponibilizados em disquetes e CD-ROMs.

No entanto, este processo não é lento como podemos imaginar, mas sim paulatino e ironicamente exponencial, que torna as bibliotecas universitárias em “[...] celeiros de novas tecnologias [...]” (RIBEIRO, 2011, p. 1). Assim conceituadas as bibliotecas universitárias, vem absorvendo as TICs, se apropriando de novos conceitos e paradigmas.

No que podemos observar quanto ao acervo, estas tecnologias estão sendo empregadas não só na migração deste para a *web*, atendendo a um número maior de usuários; mas também no sentido de segurança e controle do material documental das bibliotecas e centros de informação. Ribeiro (2011, p. 4) nos apresenta uma bela explanação sobre isso:

As Bus [bibliotecas universitárias] sempre tiveram problemas com segurança do acervo, furtos de obras, capítulos ou páginas de livros e periódicos arrancadas, páginas rabiscadas são comuns, com a utilização das TICs esses problemas encontraram solução através da colocação de etiquetas ou fitilhos magnéticos, que são desmagnetizados quando a obra é emprestada, se algum usuário tenta sair da biblioteca sem passar pelo empréstimo o portão eletrônico avisa. A colocação de monitoração eletrônica (câmeras de vídeo com exibição da imagem em monitores de computador) foi outro recurso eficiente para o problema de segurança no acervo.

A tecnologia de identificação por radio frequência, também está sendo usada na tentativa de evitar o extravio de obras dentro da própria biblioteca, isto é, quando o item está guardado fora de sua localização correta. Obviamente estas medidas não erradicaram estes problemas, mas são exemplos da utilização maciça das TICs nos acervos.

Podemos perceber que as TICs mudaram toda a realidade das bibliotecas, os acervos não se resumem mais a mero conjunto de livros, fitas, folhetos e periódicos metodicamente organizados, mas sim uma fonte inesgotável de possibilidades de aplicação da tecnologia.

Todas estas alterações ocorreram em um curto espaço de tempo, e muitas pessoas hoje, nunca tiveram a oportunidade de ver uma dessas “antigas” formas de se tratar o acervo, o que torna importante os relatos de como se deram essas transformações.

Em suma, todos estes processos exigiram um enorme esforço dos bibliotecários no sentido se adaptarem ao novo paradigma informacional. Este processo veio acompanhado de tensões e conflitos, pois implicou no redimensionamento e renovação das práticas profissionais ao mesmo tempo modificou as suas interações com os usuários, as suas representações sobre o acervo e o seu ambiente de trabalho.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção deste estudo, alinhavamos os pontos relativos à metodologia aplicada na execução desta pesquisa. Apresentamos itens como: abordagem da pesquisa, tipo de estudo, delimitação da pesquisa, entre outros. Isso com o fito de melhor mostrar os critérios metodológicos que foram empregados nesta pesquisa.

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

No que se refere à abordagem de pesquisa, este trabalho situa-se no *roll* das pesquisas de cunho qualitativo. Pois de acordo com Duarte (2008, p. 216) que nos traz uma definição sucinta de pesquisa qualitativa como sendo uma “[...] abordagem que considera qualquer unidade social como um todo.” E Gibbs (2009, p. 8) nos fornece uma rica definição, segundo a qual as abordagens qualitativas “[...] têm em comum o fato de buscarem esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo a sua volta, o que estão fazendo (ou fizeram) [...]”.

Definições essas que vem ao encontro dos propósitos desse trabalho, já que este pretendeu estudar um grupo definido de sujeitos, mais especificamente suas memórias, narrativas e recordações acerca de suas percepções sobre o impacto das TICs nas interações e relações dos usuários com a Biblioteca da Fabico.

Dentre as vantagens de fazer uso da abordagem qualitativa neste tipo de estudo podemos elencar as que mais se adequam ao nosso intuito, das formuladas por Gibbs (2009, p. 9):

- Os pesquisadores qualitativos estão interessados em ter acesso a experiências, interações e documentos em seu contexto natural, e de uma forma que dê espaço às suas particularidades e aos materiais nos quais são estudados.
- Os pesquisadores, em si, são uma parte importante do processo de pesquisa, seja em termos de sua própria presença pessoal na condição de pesquisador, seja em termos de sua experiência no campo e com a capacidade de reflexão que trazem ao todo, como membros do campo que será estudado.

- A pesquisa qualitativa leva a sério o contexto e os casos para entender uma questão em estudo. uma grande quantidade de pesquisa qualitativa se baseia em estudos de caso ou em séries de estudos, e, com frequência, o caso (sua história e complexidade) é importante para entender o que está sendo estudado.

Pois segundo Félix (2004, p. 33, 34):

Se a pergunta pelo sentido da condição humana e de sua trajetória esta na base da explicação para o fazer história como investigação-testemunho, a memória é um dos suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para definição dos laços de identidade.

No caso desta pesquisa, o material empírico coletado através das entrevistas com os bibliotecários, as suas lembranças individuais e também parte da memória coletiva do grupo que constituíram as narrativas que são a matéria prima deste estudo. Felix (2004, p. 40) ainda nos esclarece que “[...] as lembranças, constituídas nas relações sociais, são mantidas nos diversos grupos de referência e também nos espaços sociais da família, do trabalho, do lazer, da religiosidade, ancoradas no convivi, nas experiências históricas.”

3.2 TIPO DE ESTUDO

Este trabalho caracteriza-se por se tratar de um estudo de caso, de cunho exploratório, que a partir do material coletado, analisa os conteúdos significativos das narrativas dos bibliotecários. Caracteriza o contexto social e a realidade das bibliotecas universitárias, em particular a Biblioteca da Fabico, no que se refere ao impacto da implantação das TICs neste ambiente, bem como da sociabilidade dos bibliotecários com os usuários da Biblioteca, tendo como ferramentas o levantamento documental e entrevistas.

O que é corroborado na explicação que nos fornece Gil (2010, p. 27):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamentos bibliográficos e documentais, entrevistas não padronizadas e estudos de caso.

Visto que estudos desta natureza têm a finalidade de elucidar ou modificar idéias, podemos reafirmar que este trabalho tem um caráter exploratório, pois objetivou, genericamente, pesquisar como se deu o advento das TICs no âmbito da Biblioteca.

3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Dentro da tipologia metodológica este trabalho trata-se de um estudo de caso, que tem suas origens como método de pesquisa, na primeira metade do século XIX, no campo da Medicina como nos conta Gil (2009, p. 10) “as mais antigas origens do estudo de caso podem ser encontradas no campo da Medicina.” Este tipo de estudo se caracteriza segundo Yin (2001, p. 27) por utilizar “[...] muitas técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescentada duas fontes de evidência que usualmente não são incluídas [...] observação direta e série sistemática de entrevistas.”

Novamente de acordo com Duarte (2008, p. 216) que nos traz um conceito interessante sobre este tipo de pesquisa, como sendo uma “[...] abordagem que considera qualquer unidade social como um todo.” Podemos entender que esta análise realizada no contexto apenas da Biblioteca da Fabico, enquadrou-se neste perfil de pesquisa.

3.4 SUJEITOS DA PESQUISA

A seleção das pessoas fontes (informantes ou sujeitos de pesquisa) para as entrevistas obedeceu aos seguintes critérios:

- a) terem estado e/ou estar lotado na Biblioteca da Fabico e;
- b) ocupar o cargo de Bibliotecário, no período de 1980 a 2000.

Verifica-se que neste período ocorreu um contato sem precedentes dos usuários e dos bibliotecários com as TICs neste âmbito.

A seleção não foi probabilística, mas sim intencional, tendo por respaldo a afirmativa de Duarte (2008, p. 69) em que possibilita a seleção de um nicho específico de sujeitos quando o pesquisador “[...] pode selecionar conhecedores do tema ou representatividade subjetiva.”.

Após uma busca nos documentos administrativos da Biblioteca e em obras como a de Pinto (1984, 1988), e aplicando os critérios supra mencionados, obteve-se um total de seis bibliotecárias/sujeitos neste espaço temporal. A partir deste momento, elas são identificadas apenas pelas suas respectivas iniciais do nome e sobrenome com a finalidade manter a preservada a privacidade e a identidade dos sujeitos.

Todas as entrevistas foram realizadas nas dependências da FABICO, mais especificamente nas salas 410, 406 e 513. Seguindo a sequência abaixo, formada pelas informações de data, tempo de duração e iniciais do sujeito:

- a) 10 de abril – 31min e 28 seg - M. L. A. M.;
- b) 12 de abril – 48min e 29seg - I. M. G.;
- c) 13 de abril – 45min e 14seg - M. M. L.;
- d) 30 de abril – 1h 20min e 19seg - M. H. M. A.;
- e) 30 de abril – 39min e 45seg - Z. M. M. P.;
- f) 04 de maio – 1h 45min e 04seg - I. C. B. N.

O ambiente da FABICO, local onde foram realizadas as entrevistas, possibilitou o “reencontro muito agradável” entre os profissionais que estão na ativa com seus ex-colegas e com a própria Biblioteca. Alguns sujeitos estavam ansiosos com a perspectiva de serem entrevistados, mas esta ansiedade se dissolveu no decorrer das entrevistas. Todos os sujeitos colaboraram com o estudo, trazendo importantes informações sobre suas experiências durante o período que atuaram ou atuam na Biblioteca. Houve algumas digressões a respeito de determinados temas, mas em nada prejudicaram a entrevista, ao contrário trouxeram detalhes das suas experiências que possibilitaram compreender melhor os diferentes momentos que passou a Biblioteca.

3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para fins deste estudo utilizou-se como instrumento fundamental de coleta de dados as entrevistas, os relatos pessoais com os bibliotecários, que atuaram e/ou ainda atuam na Biblioteca da Fabico, profissionais que tiveram suas experiências vividas, anterior e posterior ao processo de introdução das TICs, isto é a automação do sistema e a implantação da *internet*, na Biblioteca. Segundo o que nos traz Duarte (2008, p. 62) é uma:

[...] técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representações estatísticas.

As entrevistas tiveram como balizador um roteiro semi-estruturado, com vias a manter o foco da pesquisa e a sua flexibilidade. Essas foram gravadas em vídeo no formato MPEG4 (*Moving Picture Experts Group Layer-4*), mediante autorização por

escrito dos entrevistados, com intuito de agilizar a análise. Como é indicado por Dencker (2002, p. 158) que as entrevistas devem ser sempre “[...] gravadas e anotadas pelo pesquisador.”

O Termo de Consentimento Livre e esclarecido encontra-se em apêndice (Apêndice A) neste projeto, bem como o roteiro de perguntas (Apêndice B). Este roteiro de perguntas, a caráter de validação e de confiabilidade, foi submetido à apreciação de três especialistas da área de metodologia da pesquisa, antes de sua aplicação.

Este método de coleta de dados que é considerada por Lüdke (2007, p. 33) como sendo “[...] uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais.” Outro aspecto fundamental para a escolha deste instrumento é apresentado também por Lüdke (2007, p. 33,34):

[...] é importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista. Mais do que outros instrumento de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, como na observação unidirecional, por exemplo, ou na aplicação de um questionário ou de técnicas projetivas, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influencia recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista.

Quanto às transcrições das entrevistas, foram transcritas literalmente somente as passagens que foram citadas ao longo do trabalho, posto que segundo Gibbs (2010, p. 28) “uma média comum é que a transcrição leva algo entre 4 e 6 vezes o tempo envolvido na coleta dos dados.” O que inviabilizaria sua realização no exíguo espaço de tempo da realização de um Trabalho de Conclusão de Curso. Tendo em vista que Gibbs (2010, p. 29) nos alerta que “não é necessário transcrever toda e qualquer informação coletada [...]”.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

O material analisado a partir das entrevistas com os profissionais já caracterizados acima, foi observado do ponto de vista análise de conteúdo, que tem por particularidade se tratar segundo Bardin (1977, p.31) das “[...] técnicas de análise das comunicações.” Uma ótima definição para análise de conteúdo é de Berelson¹¹ (1952 *apud* BARDIN, 1977, p. 36.) “[...] Uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações.”

Segundo a definição que nos apresenta Fonseca Junior (2008, p. 280, *passim*) a análise de conteúdo é uma abordagem que oscila entre o aspecto qualitativo e o formalismo estatístico da análise quantitativa (predominante em seus primórdios). Mas que se adequa aos interesses, ideologias e as necessidades do pesquisador. Isto a torna flexível e adaptável a outras técnicas de análise sendo úteis às mais diversas áreas do conhecimento humano. Para Bardin (1977, p. 133) a análise de conteúdo:

Fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja este lingüista, psicólogo, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta religioso ou leitor profano desejando distanciar-se da sua leitura “aderente”, para saber mais sobre esses textos.

Cabe a aplicação deste método perfeitamente a análise de entrevistas, em busca de relatos, experiência e histórias. Estas, na maioria das vezes, são intrínsecas a cada indivíduo e repletas de detalhes ou de idiossincrasias importantes para uma pesquisa, mas que passam despercebidas tendo por base uma abordagem mais matemática e pontual. Isto por que neste método é possível como traz Bardin (1977, p. 133, 134, 135, *passim*) valorizar as inferências, o que dá mais subsídios a interpretação, e possibilita visualizar tanto o significado (mensagem, código) quanto à significação (estudo formal do código).

¹¹BERELSON, (B.). **Content analysis in communication research**. Nova Iorque: Universidade Press, 1952.

3.7 UNIVERSO DE ANÁLISE

Em qualquer estudo de cunho acadêmico é necessário existir uma aproximação ao objeto de estudo, isto é, uma contextualização sobre o objeto de pesquisa, traçando um retrospecto histórico e administrativo, para proporcionar um melhor entendimento do sujeito em estudo.

3.7.1 Histórico do Sistema de Bibliotecas da UFRGS.

A implantação do Sistema de Bibliotecas Universitárias da UFRGS (SBUFRGS) surge juntamente com a criação da Biblioteca Central da Universidade (BC), em dezembro de 1971, pela portaria nº1. 516/1971-GR, quando também foi extinto o Serviço de Bibliografia e Documentação, como constava no Estatuto e no Regimento Geral da Universidade, acordado no ano de 1970. Ratificado pela contribuição que nos trás Schreiner (1980, p. 113):

De acordo com as Normas Básicas, a Biblioteca Central e as bibliotecas das unidades da UFRGS passam a formar o Sistema da Biblioteca Central, sendo uma de suas funções a coordenação das atividades técnicas e administrativas das bibliotecas setoriais especializadas, tendo em vista a racionalização e padronização de métodos e sistemas e a centralização dos acervos no Campus da UFRGS.

Este processo inicialmente utilizava o Sistema CALCO (Catalogação Legível em Computador) que por sua vez foi baseado no Formato MARCII, da *Library of Congress*, adaptado no Brasil por Alice Príncipe Barbosa¹². Infelizmente não tendo sido profícuo, como vemos em Gasperin (1989, p.1) “na UFRGS o projeto parou por falta de recursos e viabilidade, pois os formulários eram preenchidos na BC [Biblioteca Central] e digitados no CPD [Centro de Processamento de Dados]”.

¹²BARBOSA, Alice Príncipe. **Projeto CALCO**: catalogação cooperativa automatizada. Rio de Janeiro: IBBD, 1973. 130p.

Somente em 1988, baseado no formato IBICT (Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia) elaborado a partir de 1981, é que o CPD-UFRGS inicia um estudo que resultou em 1989 na implantação de um sistema baseado no *software* Microsis-UNESCO, dando início ao Sistema Automatizado de Bibliotecas (SABi) e tornando-se o catálogo automatizado da UFRGS.

O desenvolvimento do sistema é muito bem apresentado no PDI 2010-2014 (2011, p. 1, 2) da Biblioteca Central:

Além de sua função principal como catálogo on-line do acervo, o SABi teve importante papel na preservação e disseminação da produção intelectual da UFRGS, sendo responsável pela ampliação do registro desta produção para outros tipos de documentos além de teses e dissertações. Dessa forma, a UFRGS conta com um sistema que não apenas arrola sua produção intelectual, como dá acesso aos documentos na íntegra.

A necessidade de expansão do SABi para além do catálogo informatizado, com a demanda de informatização de outros serviços, principalmente a circulação de documentos, levou, em 1999, à migração do SABi para o *software* Aleph, desenvolvido pela empresa ExLibris. O SBU necessitava de um sistema capaz de gerenciar o empréstimo de documentos nas suas 33 bibliotecas, oferecendo ao usuário serviços on-line como reserva e renovação de material bibliográfico.

Por este apanhado geral da história e do desenvolvimento do SBU podemos verificar a importância sem igual das Tecnologias da Informação e Comunicação e da Informática na integração das bibliotecas e dos avanços no controle da produção intelectual da Universidade. Além disso, demonstra o interesse da equipe de Bibliotecários da UFRGS em proporcionar sempre o melhor atendimento e suporte técnico possível aos seus usuários.

Atualmente o sistema é constituído por 33 bibliotecas setoriais especializadas distribuídas pelos *campi* da Universidade, a saber: Administração, Agronomia, Arquitetura, Artes, Biblioteca Central, Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), Biologia, Botânica, Ceclimar, Instituto de Ciência e Tecnologia em Alimentos (ICTA), Ciências Básicas da Saúde (CBS), Economia, Ciências Sociais e Humanidades, CAP, Direito, Educação, Escola de Educação Física, Enfermagem, Escola Técnica de Comércio (atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRS), Farmácia, Física, Geociências, Informática, Matemática, Medicina, Biblioteca Depositária da ONU, Odontologia, Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH), Centro

de Processamento de Dados (CPD), Psicologia, Química, Centro de Documentação e Pesquisa de Saúde e Trabalho (CEDOP) e Veterinária.

3.7.2 Histórico da Biblioteca da FABICO

É neste complexo e imbricado sistema que se encontra situada administrativamente a Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), passando também ela por todos os estágios de desenvolvimento tecnológico implementados pelo SBUFRGS. Estas duas histórias aparentemente paralelas, em muitos aspectos se tornaram una, em um ponto especialmente, o desenvolvimento tecnológico. Assim o SBUFRGS e todas as bibliotecas setoriais caminham juntas, unidas por uma identidade comum.

Porém a história da Biblioteca da FABICO é muito mais longa, iniciou suas atividades em 29 de setembro de 1959, na então Escola de Biblioteconomia e Documentação (Escola Livre anexa à então Faculdade de Econômicas e Administração, hoje Faculdade de Ciências Econômicas). Somente em 23 de agosto de 1966 foi conferida a autonomia da Escola de Biblioteconomia, desvinculando-se administrativamente da Faculdade de Ciências Econômicas. A partir desta data a Biblioteca passa a existir de fato, recebendo recursos e um espaço físico específico, mesmo que ainda instalada no prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, junto a Biblioteca da Economia, em um mezanino.

Na década de 70 com a implantação da reforma universitária, ocorreu a união dos Cursos de Biblioteconomia (vindo da Faculdade de Ciências Econômicas) e o Jornalismo (proveniente da então Faculdade de Filosofia), nascendo a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, abrigando os dois cursos. Como é corroborado por Pinto (1984, p. 105):

Com a fusão dos Cursos de Biblioteconomia e Jornalismo, em 1970, pela reforma universitária, a Biblioteca passa a ser denominada Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e em 1972 muda-se para o novo prédio que abrigaria a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação à Rua Jacinto Gomes, 504 localizando-se no 4º andar [atualmente com frente para à Rua Ramiro Barcelos 2705] [...].

Em 1972 a Biblioteca é instalada no quarto andar do então novo prédio sede, onde permanece até hoje, tendo seu acervo formado pela união das obras provenientes dos dois Cursos/Faculdades. Da Biblioteca da então Faculdade de Filosofia, segundo Hessel e Moreira (1967, p. 23) “[...] criada na época da instalação da Faculdade, em 1942”, veio o acervo respectivo ao Jornalismo, e da Faculdade de Economia e Administração o acervo relativo à Biblioteconomia. Atualmente conta com obras raras ou preciosas de ambas as áreas. Possui também obras especializadas e atuais das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, e Jornalismo.

Neste ano de 1972 passou a integrar o Sistema de Bibliotecas da UFRGS - SBUFRGS, adquirido novas competências e responsabilidades perante a comunidade acadêmica.

Na década de 80 a Biblioteca passou por uma grande ampliação de seu espaço físico:

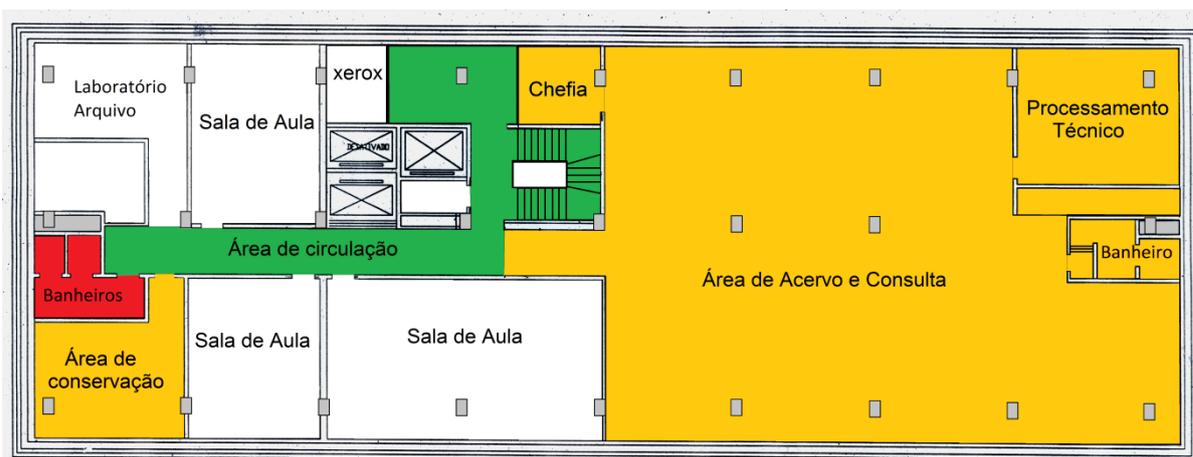
Em 1987 a Biblioteca passou por uma ampliação no seu espaço físico, de uma área de 135m² para 306m². Atualmente, em vias de uma nova ampliação de sua área física, ambiciona criar novos setores para qualificar ainda mais seus serviços e seu acervo, além de oferecer aos seus usuários uma melhor infra-estrutura de pesquisa. (BIBLIOTECA DA FABICO¹³, 2010.)

Como uma de suas políticas mais interessantes está a Conservação preventiva, tendo seu início a partir de novembro de 2006, quando todo e qualquer material impresso incorporado ao acervo passa pelo Setor de Conservação e Restauração, com intuito de terem sua estrutura reforçada para resistir ao uso contínuo, obtendo uma vida útil muito maior. Já os itens do acervo que estão danificados pelo uso são continuamente avaliados e encaminhados ao setor para serem reconicionados.

¹³ Documento eletrônico.

Atualmente a Biblioteca se encontra em fase de planejamento para mais uma ampliação de seu espaço físico. Visto a necessidade para o crescimento de seu acervo e para melhor atender as demandas de seus usuários.

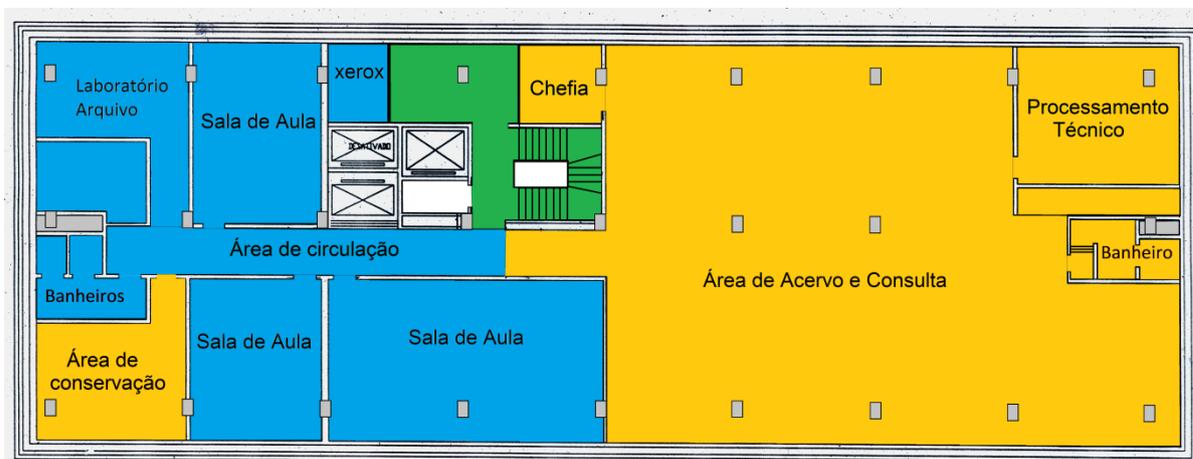
Imagem 1 – Representação do espaço físico atual da Biblioteca (em amarelo).



Fonte: Biblioteca da Fabico.

A área ocupada pela Biblioteca corresponde aproximadamente a 60% da área total do 4º andar do prédio da FABICO, como pode ser observado na imagem acima. Com a conclusão da reforma passaria a ocupar praticamente a totalidade da área, com exceção das áreas de circulação e *hall* dos elevadores. Esta nova área servirá para área de consulta e salas de estudo (individual e em grupos).

Imagem 2 – Representação do espaço físico acrescentado à Biblioteca após a reforma (em azul).



Fonte: Biblioteca da Fabico.

Portanto, nestes 52 anos de atividades ininterruptas, podemos observar o avanço gradual da Biblioteca. Este crescimento está intimamente ligada ao desenvolvimento das áreas do conhecimento as quais atende que acenderam acadêmica e socialmente, no decorrer deste período.

Neste ínterim também houve transformações significativas de sua “fisionomia”. Em virtude do advento das TICs na Biblioteca, que demandaram **redimensionamento de espaço físico**, para atender melhor seus usuários, agregar computadores a seu *layout*; **dinamizar os produtos/serviços** oferecidos, acrescentando novos serviços, estendendo horário de atendimento, migrando o suporte informacional de seus itens; e **uma transformação nas formas de sociabilidade** da biblioteca com sua comunidade de usuários.

4 AS REPRESENTAÇÕES DOS BIBLIOTECÁRIOS SOBRE O USO DAS TICs NA BIBLIOTECA DA FABICO/UFRGS

Tratar de aspectos tão subjetivos e abstratos como são as representações sociais não é uma tarefa simples. Tendo em vista que versam sobre percepções muito particulares e que mostram à luz metodológica um panorama completo da situação sob a qual nos propomos à pesquisar.

Tanto que podemos afirmar, sem melindres, que as representações expressas pelas narrativas dos sujeitos são a melhor fonte de informação para se compreender a subjetividades imbricadas em qualquer ambiente, em especial quando esse sofre alguma interferência significativa.

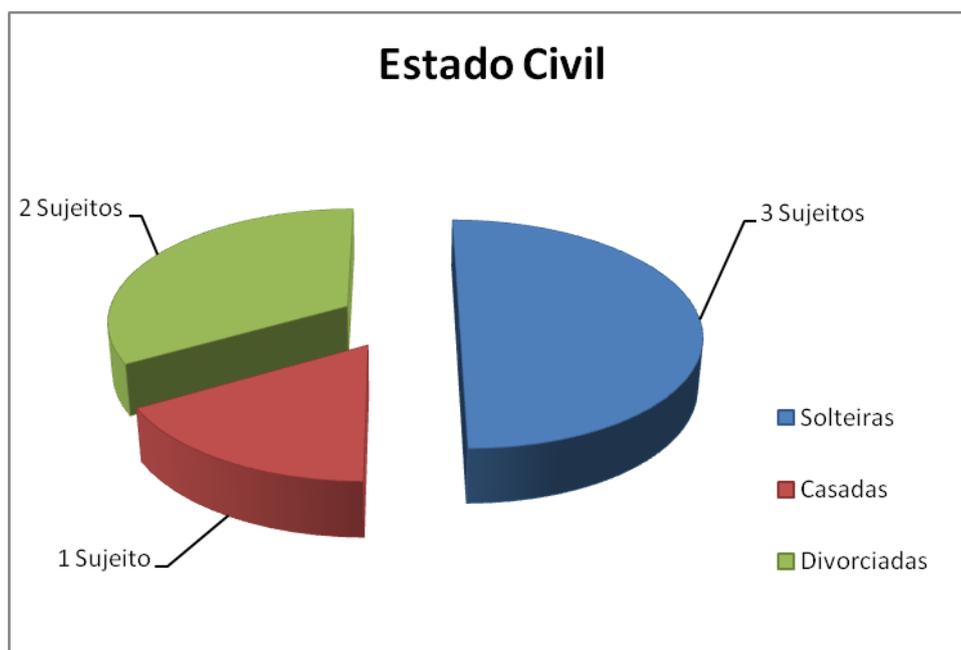
Neste capítulo, apresentaremos e analisaremos as representações dos bibliotecários sobre o uso das TICs, na Biblioteca da FABICO. Os conteúdos analisados foram coletados através das entrevistas que denominamos de narrativas. Entretanto, antes da análise procuramos caracterizar o perfil dos bibliotecários que atuavam na biblioteca no período o de 1980 a 2000. Em seguida, identificamos quais os impactos trazidos pelas TICs na referida Biblioteca, as principais mudanças ocorridas com a introdução das TICs e como tal processo afetou as interações entre bibliotecário e usuário.

4.1 O PERFIL DOS PROFISSIONAIS

O perfil dos profissionais selecionados caracteriza-se por pertencerem em sua totalidade ao gênero feminino encontrando-se situadas na faixa-etária dos 49 aos 71 anos. Das quais três estão em atividade, exercendo suas funções junto a Biblioteca e as demais são inativas da Universidade.

No que se refere ao estado civil dos entrevistados, encontra-se distribuído conforme gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Demonstrativo do Estado Civil dos entrevistados.



Fonte: Do autor.

Quanto à titulação acadêmica o grupo distribuiu-se da seguinte forma: quatro especialistas, uma somente graduada e uma doutora. Sendo que três delas exercem ou exerceram o cargo de chefia da Biblioteca.

O ingresso das entrevistadas na Biblioteca da FABICO, como bibliotecárias, seguiu a sequência seguinte:

- a) de 1970 à 1998 - M.H.M.A.;
- b) de 1972 à 1995 - Z.M.M.P.;
- c) de 1983 à 1989 - I.C.B.N.;
- d) de 1983 até o momento - I.M.G.;
- e) de 1986 até o momento -M.M.L.; e
- f) de 1999 até o momento - M.L.A.M.

De todas, três delas têm/tiveram maior contato com os usuários visto que as demais trabalham/trabalhavam junto ao setor de processamento técnico da biblioteca fato que diminui o contato direto com os usuários ou pelo seu período de

ingresso/permanência na Biblioteca, impossibilitando a convivência tanto com usuários como com a implantação das TICs.

Entretanto todas apresentaram bastante interesse no estudo e experiências envolvendo suas relações com os usuários, bem como identificaram este tempo de atuação na biblioteca como sendo um período muito rico em suas carreiras. Também tiveram a oportunidade de vivenciar muitas situações e conviver com diversos alunos e colegas técnico-administrativos da Universidade.

Após esta breve caracterização sobre o perfil dos profissionais, analisaremos os conteúdos das narrativas dos referidos profissionais a respeito dos impactos TICs na Biblioteca.

4.2 OS IMPACTOS DAS TICS NA BIBLIOTECA

Diversos foram os impactos sofridos pelos profissionais da informação no período que compreendeu a implantação das TICs no ambiente das bibliotecas. No entanto, a percepção destas mudanças para cada indivíduo refletiu de maneiras distintas, visto que até a chegada do computador, e conseqüentemente da *internet*, a tecnologia existente era basicamente mecânica e permaneceu sendo empregada por longo período. Como podemos observar no relato abaixo, a entrevistada conta sua experiência com a tecnologia:

[...] Digamos que foi um salto muito alto, porque quando eu ingressei a tecnologia que existia era... a mais avançada era uma máquina de datilografia elétrica que apagava os erros, mas era uma máquina que era usada só pela chefe da Biblioteca e que dificilmente a gente tinha acesso... era a coisa mais avançada que se tinha na época... não tinha mais nada! Qualquer coisa que fosse se fazer na biblioteca era com a máquina de datilografia manual depois com o passar do tempo houve uma pequena evolução que daí teve máquinas... com corretivo ou então depois se passou pra uma tal de Minigraf que era uma versão mais moderna do... Mimeógrafo [...] até 1988 era essa a situação [...]. (I.M.G.).

Conforme a bibliotecária, neste período (referindo-se aos anos 80), a tecnologia era totalmente “analógica”. A chegada da “tecnologia digital” é mais

recente, sendo inserida paulatinamente nas práticas profissionais e nas rotinas das bibliotecas. Observamos que para diferentes gerações de profissionais que atuaram na biblioteca, a forma de perceber é distinta, pois a forma como cada uma foi afetada pelas TICs também é diferenciada. O tempo é um marcador dessas transformações, pois diferentes contextos foram responsáveis pela formação de profissionais de perfis distintos. As três primeiras entrevistadas foram formadas em um contexto em que as tecnologias digitais não estavam expandidas no ambiente universitário, enquanto que as três últimas foram formadas em um contexto mais tecnológico. Portanto, mais “familiarizadas” as TICs. Como podemos observar narrativas que seguem:

[...] Eu tinha... deixa eu ver... uns vinte e poucos anos, então para mim era uma coisa... Bah! Novidades! Coisas boas!... Coisas boas!... [...] acho que por isso talvez que a gente não tenha percebido um grande impacto... na rotina do dia a dia foi se... adequando gradativamente as atividade [...]. (M.M.L.).

Em nossa relação [entre os bibliotecários] não mudou nada... mas eu não fazia nada no computador, né!... eu só preenchia os formulários [impressos] [...] eu tinha medo do computador... eu nunca dei muito para máquinas, até hoje. Até celular eu tenho uma certa restrição... Eu que não era dada a informática que me assustei! É... quanto a informática eu padeci! [...]. (Z.M.M.P.).

[...] Olha eu vou te dizer francamente, pra mim em especial, não foi muito fácil “entrar” na tecnologia da Informação assim... de cara porque eu era de uma geração anterior [...] eu estou com 70 anos, já era formada a muito tempo... então a gente tem um certo medo, resistência... a qualquer coisa nova, né?! Mas a gente foi se aperfeiçoando, fazendo curso, se enfronhando [...] (M.H.M.A.).

A partir das narrativas, cada profissional expressa as suas representações sobre as tecnologias e seus usos no ambiente das bibliotecas universitárias, pois elas foram construídas em decorrência das suas experiências profissionais no ambiente de trabalho. Entretanto, observa-se que a implantação das TICs na Biblioteca da FABICO foi percebida positivamente.

Inicialmente, todo esse processo foi acompanhado por diversos treinamentos oferecidos pela Biblioteca Central (BC) e, posteriormente, pela Comissão de Automação (ComAut), possibilitando aos bibliotecários do SBUFRGS o aprendizado de novos conceitos e competências informacionais, como nos afirmam as narrativas:

[...] A gente começou a ter treinamentos... tipo assim... *Word, Excel...* e aí durante esse período que foi na época que a Janise estava na coordenação da Biblioteca Central... ela [diretora da BC] ofereceu vários cursos de acesso à internet, que aí já começou à *internet* se desenvolver. [...] Ela chamava pessoas do CPD para nos mostrar acessos, bases, essas coisas assim... [...] A gente teve todo um treinamento pra usar o Aleph, deste a primeira versão... quando ele entrou em 2000, o sistema foi fechado... parou numa sexta-feira, e a gente começou a fazer o treinamento, e aí abriu pro público!. (M.L.A.M.).

[...] Fizemos vários cursos no CPD... eu tenho uma pasta cheia de cursos que eu fiz. Essa transição foi bem assistida pela Comissão/CPD. (M.H.M.L.)

[...] Nós tivemos diversos cursos... além dos treinamento do SAbi, o de correio eletrônico, de todos os programas e planilhas, *Word, Excel, Access*, uso da *internet* e navegadores [...] tudo voltado para esta novas tecnologias [...]. (M.M.L.).

Como efeito desses treinamentos bem como da implantação das TICs podemos apontar como mais um fator de impacto, as mudanças ocorridas no fluxo de trabalho. Conforme já foi mencionado o trabalho biblioteconômico era totalmente manual, passando gradativamente para novos formatos, o que facilitou e amplificou tanto o trabalho como a relação do profissional com suas tarefas. Como nos mostram os depoimentos:

Na questão do trabalho foi uma mudança... para mim que faço indexação... uma mudança incomparável porque eu não tinha como me basear em nada, quem fazia Catalogação ia pro Código [de Catalogação Anglo-Americano] e o Código dizia... agora quem fazia Indexação, tinha a tabela pra dar o número de chamada, mas a gente tinha alguns dicionários geográficos que ficavam desatualizados obviamente, e alguns dicionários biográficos [...] e hoje tu pode acessar a internet e ter "n" possibilidades de pesquisa... mudando todo o fluxo de trabalho [...]. (I.M.G.).

O fluxo de trabalho mudou e esta mudando todos os dias! [...] A tecnologia ajudou muito, porque o processamento técnico é muito mais rápido, o livro que tu catalogou já está lá na base e já está pronto [...], não tem mais aquela coisa de... ai estamos “batendo” a ficha ainda, vai ficar pronto semana que vem, e isso é uma coisa boa para o usuário [...]. (M.M.L.).

O produto pode não ter sofrido alterações significativas como nos afirma M.M.L., “[...] tivemos o apoio grande da tecnologia, mas o nosso trabalho é o mesmo, continuamos descrevendo alguma coisa [...] detalhada de tal forma que a pessoa que está vendo aquela descrição consiga “ver” o item [...]”, o que mudou foi o modo como o trabalho é desenvolvido, as ferramentas usadas, o tempo despendido pra tal e os limites físicos/geográficos de abrangência dos serviços que deixaram de existir. Portanto ocorreu uma significativa alteração tanto no trabalho quanto na concepção de trabalho percebida pelos profissionais. De modo que podemos afirmar que os profissionais necessitaram resignificar seus conceitos sobre o trabalho biblioteconômico, para adequar-se a nova realidade apresentada pelas TICs.

Uma síntese dessa nova configuração a partir da implantação das “tecnologias digitais” no ambiente de trabalho é apresentada por uma das entrevistadas em seu relato sobre a falta de computadores tanto na Biblioteca como para os professores quando da implantação das TICs, onde podemos ver outro aspecto da mudança no fluxo do trabalho:

[...] Era um computador só, para dar entrada dos dados e ia para o servidor. Computador no serviço de referência? Isso é de 2000 pra cá! [...] em 1994 quando eu fui fazer a seleção do Doutorado, que tava no auge dessa efervescência da implantação do Aleph/Sabi etc. e tal, [...] nossas salas não tinha computador. Eu tinha um computador aqui, um 486, no CERLIJ (Centro Referencial em Literatura Infanto-Juvenil) por conta de projetos [...], ai a professora Jussara [Santos] que foi uma das pioneiras a usar a informatização nas aulas dela... ela ia fazer as gravações, as impressões dos trabalhos dela no CPD porque aqui não tinha computador! [...] e a Biblioteca, não tinha! [computadores suficientes] (I.C.B.N.).

Outro traço marcante nas mudanças operadas em decorrência das TICs foi à disposição física da própria Biblioteca, como nos apresenta a narrativa de I.M.G.:

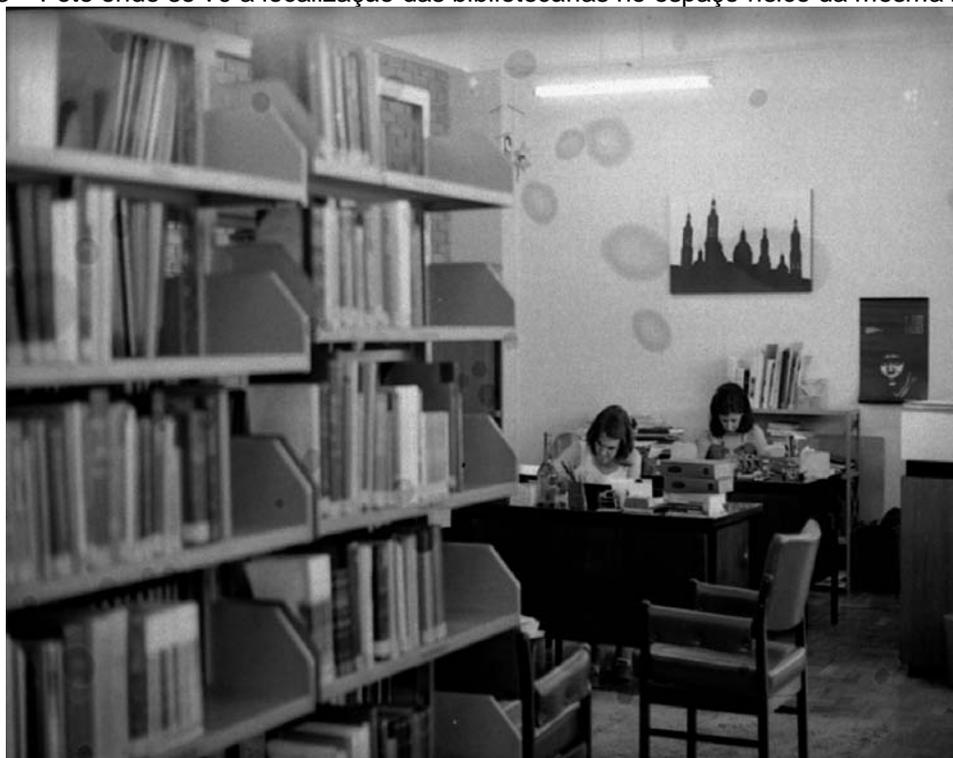
[...] teve que se criar um espaço para esta tecnologia, e mudou obviamente do processamento técnico porque nos trabalhávamos nas mesas um de frente para o outro [nos anos 90] e com a vinda do computador teve essa adequação, pois não se tinha recurso para fazer um novo *layout* da Biblioteca como deveria e mudar fiação ou coisas assim... foi se adaptando e a gente mudou e não ficou trabalhando mais tão junto.

Com a implantação das tecnologias a Biblioteca necessitou de novos ambientes, como um setor para acesso ao SABi (e a *internet*) com vários terminais de computador.

A extinção de diversos itens do mobiliário da Biblioteca também pode ser incluída no rol dos impactos das TICs no setor, como por exemplo, parte dos catálogos impressos, dos fichários “Kardex”, houve a redução no número de mesas de consulta, das “caixas de papeleta” dos livros no balcão de empréstimos, as máquinas de escrever, etc.

O espaço de trabalho passou por transformações entre eles o processamento técnico, que anteriormente era localizado junto à entrada da Biblioteca, como pode ser observado na fotografia abaixo, mudou de lugar, passou a ser realizado em uma sala reservada, localizada no fundo da Biblioteca.

Imagem 3 – Foto onde se vê a localização das bibliotecárias no espaço físico da mesma na déc. 80.



Fonte: Acervo Museu da UFRGS.

Como podemos observar, o surgimento e implantação das TICs na Biblioteca trouxeram alguns impactos em seu ambiente. Esses impactos ultrapassaram a dimensão física e funcional, tanto que implicaram na reorganização do seu espaço, em outro âmbito, afetaram também às relações interpessoais e os processos interativos entre os bibliotecários e os usuários das bibliotecas.

4.3 AS SOCIABILIDADES

Os impactos do advento das TICs trouxeram também transformações nas sociabilidades ou dos processos interativos entre os bibliotecários e os usuários da Biblioteca. Antes da implantação das TICs, nas bibliotecas universitárias, em especial no mundo Fabicano, observamos conforme as narrativas, que a relação entre os bibliotecários e os usuários havia mais proximidade e espontaneidade. Como vemos nos relatos abaixo:

[...] Com o usuário nos tínhamos um bom relacionamento, eles vinham, ficavam aqui. Tínhamos sofá! [na área de leitura]. Eu tinha uma coleção de violetas embaixo da janela, o professor fez até *posters* delas! E me deu as fotografias. [...] Eles [usuários] se sentiam donos da Biblioteca, né!... a árvore de Natal, eu vou te dizer... tinha cada bilhete!¹⁴, eles botavam pra namoradas, botavam coisas para os professores... (Z.M.M.P).

[...] Muito nos deixaram boas lembranças, o lotti foi um que inclusive colaborou muito com a Biblioteca! A gente pedia para ele fazer cartaz... porque ele era desenhista tinha uma facilidade... então muitas vezes ele fazia cartões de natal¹⁵ pra gente... e a gente rodava na Minigraf e mandava para as outras bibliotecas... e ele fazia cartazes diferentes [...]. Então eu posso te dizer que antes da tecnologia da informação eu tinha um contato mais pessoal alunos e professores, depois que eu fui para a sala do processamento... eu pouco atendia ao balcão, então eu pouco tive contato com os usuário [...]. (M.H.M.A.).

¹⁴ Anexo A deste trabalho.

¹⁵ Anexo B deste trabalho.

Conforme os relatos, os alunos e professores “habitavam” ou iam com mais frequência ao ambiente da Biblioteca, apropriando-se de seu espaço como um lugar comum de convívio social. Uma bibliotecária lembrou que, por ocasião de uma greve dos servidores federais, um aluno escreveu uma mensagem sobre a importância da Biblioteca para os Fabicanos (ANEXO C).

A biblioteca é um espaço de sociabilidade que cria vínculos sociais: identidade, amizade com os profissionais que atuam neste ambiente. Com a mediação das TICs esses laços de convivência, aparentemente, se tornaram mais tênues, mas não desapareceram. O uso das ferramentas tecnológicas dinamizou o acesso a informação e trouxe mais autonomia aos usuários. Isso fez com que os usuários frequentassem menos o espaço físico da Biblioteca.

O *feedback* do usuário sobre qualquer serviço prestado pela Biblioteca, anteriormente era “visível”, pois as interações entre os usuários e os bibliotecários eram diretas, dependiam do contato face a face. Hoje, estas interações são mediadas pelo computador e, na maioria das vezes, elas são expressas através das redes sociais que participam. Assim, as sociabilidades nas bibliotecas também passaram a ser mediadas pelas tecnologias.

Este fato foi evidenciado nas narrativas das entrevistadas que convivem ou conviveram mais tempo com as TICs na Biblioteca. Elas percebem que o impacto das tecnologias pode trazer o “afastamento” do usuário da Biblioteca. Como veremos a seguir:

[...] Olhando de lá pra cá, de 1986 pra cá... houve sim uma grande mudança no relacionamento com o usuário, isso sim, porque eu vejo hoje, que o nosso trabalho esta todo, assim... focado no computador! A gente praticamente... eu me vejo assim e todo mundo que trabalha nessa Biblioteca assim [na frente do computador]... e isso me assusta um pouco. Porque eu tenho uma crítica... eu vou num lugar e chegando lá, está todo mundo assim olhando para aquela coisa [computador] e as pessoas parecem que não estão importando! A gente está muito atrás do computador e não está na frente do usuário, claro às vezes estamos atendendo um usuário remoto, mas esta muito diferente!

[...] Ele [usuário] deixou de vir na Biblioteca, acho que sim, de 86 para cá a gente tinha um fluxo enorme de pessoas na biblioteca era muito gente, chegava a 500 pessoas por dia, era um fluxo muito grande! Porque a Biblioteca era um centro agregador de pessoas, todo mundo se encontrava na Biblioteca, porque ali tinha um ambiente bom! E eu observava isso no intervalo de aulas todo mundo ia para Biblioteca, não necessariamente usar os serviços da Biblioteca, eles iam para sentar numa mesa grande e ficar conversando... as vezes fazendo trabalho, as vezes iam falar com a gente!

A gente tinha uma boa comunicação com os usuários, à gente conversava muito com eles no balcão, porque trabalhávamos no balcão! [...] A gente recebia visitas diárias de diversos alunos [...] eu catalogando a Inês indexando, entravam os alunos e ficavam conversando com a gente... era uma coisa assim... diferente... eles tinha mais liberdade, eu acho! [...] Quanto aos professores a tecnologia afastou a vinda na Biblioteca para fazer uma pesquisa, retirar um livro, fazer uma consulta sobre determinado assunto... agora não tem mais isso!. (M.M.L.).

Uma coisa é certa! Na biblioteca tem dia que o fluxo é grande, mas acho que naquela época talvez fosse maior porque não tinha renovação *online*, não tinha reserva *online*, tinha que escolher o livro aqui! Mas na parte do professores... eu posso afirmar com certeza que naquela época era muito maior o afluxo deles na Biblioteca [...]. (I.M.G.)

Observamos através das narrativas que com a introdução e a implantação das TICs na Biblioteca houve um “afastamento” dos usuários na Biblioteca. Entretanto, o impacto das TICs não se restringiu apenas a isso, afetou também a organização do espaço físico da Biblioteca, como é o caso da alteração do *layout*, em função da criação de novos setores e do novo instrumental de trabalho. Por outro lado, o impacto das TICs trouxe outras facilidades e melhorias em termos das condições de trabalho e possibilitou o acesso mais rápido à informação.

As sociabilidades entre os bibliotecários e os usuários, que anteriormente eram face a face, passaram a ser mediadas pela tecnologia. Hoje, é comum usuários participarem das redes sociais que envolvem as comunidades virtuais. A Biblioteca da FABICO participa no *Facebook*, *Twitter* e *MSN*. Todavia, a Biblioteca não usufrui plenamente da potencialidade disponibilizada pela *Web 2.0*. Nela, os usuários podem participar de forma mais ativamente e interativa, obtendo informações sobre os serviços prestados pela Biblioteca. E também opinarem, compartilharem opiniões sobre livros, indicarem leituras, sugerirem assuntos para a indexação, entre outros. sem necessariamente precisar frequentar a sua sede física.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo possibilitou conhecer o perfil dos profissionais que atuaram e atuam na Biblioteca da FABICO/UFRGS. O quadro era e, permanece composto em sua totalidade pelo gênero feminino. Tem sua maioria com uma formação acadêmica de especialistas, na faixa-etária dos 49 aos 71 anos e que ingressou como servidor da UFRGS no período de 1970 à 1999.

As narrativas apresentadas trouxeram algumas das representações dos bibliotecários sobre os impactos das TICs em seu ambiente de trabalho. No caso deste estudo, que foi realizado com profissionais que atuavam e outros que ainda atuam na Biblioteca da FABICO/UFRGS percebeu-se que: as representações dos bibliotecários que atuavam bem antes da implantação das TICs, sobre os processos interativos com os usuários na Biblioteca, são de que esta relação tinha maior proximidade. Visto que o bibliotecário através da prestação dos serviços exercia uma mediação no sentido de atender as necessidades de informação dos usuários. Já as representações dos bibliotecários que ainda atuam na Biblioteca sobre os processos interativos e o papel da Biblioteca, a partir da implantação das TICs são de que esses processos passaram por mudanças relacionadas ao fluxo de usuários no espaço físico da Biblioteca e ao atendimento que passou a ser remoto e autômato para o usuário.

Atualmente, com o domínio dos usuários sobre as TICs, o impacto do uso cada vez maior da *internet* em vários ambientes da vida social trouxe a criação de redes de sociabilidades e novas formas de participação dos usuários no ambiente das bibliotecas. Isso gera um desafio aos gestores das bibliotecas no sentido de pensarem e criarem novas estratégias de captura dos usuários às bibliotecas, pois como espaço de consulta e leitura ela não se esgotou com a implantação das tecnologias. A maior ou menor participação dos usuários no ambiente da biblioteca depende de uma variedade de fatores e motivações. Entretanto, não exime a responsabilidade dos profissionais que nela atuam.

Ao longo das narrativas podemos perceber também como o advento das TICs foi introjetado de forma diferenciada por cada indivíduo. As bibliotecárias formadas em uma ambiente de “tecnologia analógica” precisaram de mais tempo para se

familiarizar com a “tecnologia digital”, e até mesmo em certo aspecto nem conseguiram absorver essas mudanças em sua totalidade. Em contrapartida, às bibliotecárias formadas junto com o advento da “tecnologia digital”, vislumbraram imediatamente nas TICs uma poderosa e eficiente ferramenta de trabalho. Este fenômeno ligado as transformações tecnológicas, que incidem nas práticas profissionais, podem gerar tensões e “choque entre as gerações de profissionais”, e precisam de pesquisas aprofundadas sobre o tema.

Observou-se através das narrativas que a implantação das TICs trouxeram mudanças no espaço físico da Biblioteca. Fato que demandou uma reorganização tanto do *layout* como do fluxo da rotina de trabalho na Biblioteca. Isso afetou na forma de gestão da Biblioteca, pois as tecnologias permitiram um maior controle do acervo da Biblioteca e das buscas dos usuários. Tendo em vista que o modo de trabalhar foi alterado pelas TICs, isso fez com que os bibliotecários refletissem sobre novas concepções a respeito de seu trabalho e uma postura aberta em relação as inovações. Além disso, a necessidade de uma permanente capacitação com forma de atualização das suas práticas profissionais.

No decorrer da análise alguns pontos muito relevantes foram suscitados e, portanto merecem destaque. O surgimento e implantação das TICs como “tecnologia digital”, na Biblioteca estudada, teve pouca resistência, foi bem aceito pela maioria das bibliotecárias da Biblioteca da FABICO/UFRGS. As TICs provocaram alguns impactos na parte física da Biblioteca e nos processos interativos com os usuários. Entretanto, o seu papel no contexto universitário não perdeu a importância. Hoje, diversas bibliotecas, entre elas as universitárias se comunicam com sua comunidade através das redes sociais.

A esse respeito carecem estudos analíticos sobre os usos das ferramentas digitais nas bibliotecas universitárias e sua atuação nos ambientes das redes sociais. Esse processo alavancado pelas TICs tem cada vez mais levado as bibliotecas a procurarem manter seus usuários “remotos” através do acesso da sua própria página virtual. A tecnologia dita responsável pelo “afastamento” dos usuários do convívio direto com os bibliotecários e com as bibliotecas também é capaz de trazê-lo de volta a cena de forma mais dinâmica e participativa. Para isso, precisamos de profissionais capacitados e criativos, capazes de refletir sobre suas práticas e se comprometerem com a transformação social que não se opera apenas com o uso das tecnologias, mas com a leitura e a refletividade do seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, M. Representação Social: uma genealogia do conceito. **Comum**, Rio de Janeiro, v.10, n. 23, p. 122-138, 2004. Disponível em: <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de_aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2012.

ARRUDA, A. Teoria das Representações Sociais e Teoria dos Gêneros. **Cadernos de pesquisa**, n. 117, p. 127-147, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 31, 36, 133.

CUNHA, M. B. da. Construindo o Futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 29, n.1, jan./abr. 2000, p. 71-89. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a8.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2011. p. 78.

CURY, M. C.; RIBEIRO, M. S. P.; OLIVEIRA, N. M. Bibliotecário Universitário: representações sociais da profissão. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., Florianópolis, 2000. **Anais...**, Florianópolis. 2000. Disponível em: <snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t075.doc>. Acesso em: 10 mar. 2012.

DENCKER, A. de F. M.; VIÁ, S. C. da. **Pesquisa Empírica em Ciências Humanas: com ênfase em comunicação**. São Paulo: Futura, 2002. p. 158.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 62, 69.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de Caso. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 216.

DURKHEIM, E. **As Normas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Abril, 1973. p. 79.

DUVEEN, G. O Poder das Idéias. *In*: MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigação em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 8, 9, 21.

FÉLIX, L. O. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 33.

FERREIRA, L. S. **Bibliotecas Universitárias Brasileiras**. São Paulo: Pioneira, 1980. p. xix.

FONSECA JUNIOR, W. C. da. Análise de Conteúdo. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 62, 69.

FONSECA, E. N. da. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992. (manuais de estudo). p. 63.

FUJITA, M. S. L. A Biblioteca Digital no Contexto da Gestão de Bibliotecas Universitárias: análise de aspectos conceituais e evolutivos para a organização da informação. *In*: **Proceedings...** Salvador, 2005. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000506/>>. Acesso em: 08 abr. 2012.

GASPERIN, I. M. de. **Histórico**. [Porto Alegre], 1989. [não publicado].

GIBBS, G. **Análise de Dados Qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 8, 9, 28, 29.

GIL, A. C. **Estudo de Caso: fundamentação científica subsídios para coleta e análise de dados, como redigir o relatório**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 10.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 27.

HESSEL, L. F.; MOREIRA, E. D. M. **Faculdade de Filosofia: 25 anos de atividades (1942-1967)**. Porto Alegre, Globo, 1967. p. 23.

JARDIM, J. M. Informação e Representações Sociais. **Transinformação**, v. 8, n. 1, p. 15-30, 1996.

LEMOS, A. B. de. Bibliotecas. *In*: CAMPELLO, B. S; CALDEIRA, P. T; MACEDO, V. A. A. (Org.). **Formas e Expressões do Conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 347- 366.

LIMA, F. O. **A Sociedade Digital**: o impacto da tecnologia na sociedade, na cultura, na educação e nas organizações. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000. p. 9.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagem qualitativa. São Paulo: Editora pedagógica e Universitária, 2007. p. 33, 34.

MILANESI, L. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliè, 2002. p. 48.

MILANESI, L. **O que é Biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 69.

MORIGI, V. J, SILVA, M. L. da. Paradigma Tecnológico e Representações Sociais dos Bibliotecários Sobre seu Perfil e Suas Práticas no Contexto da Sociedade da Informação. **Informação & Sociedade**: estudos. João Pessoa, v. 15, n. 1 (2005). p.123.

MORIGI, V. J. PAVAN, C. Entre o "Tradicional" e o "Virtual": o uso das tecnologias de informação e comunicação e as mudanças nas bibliotecas universitárias. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 8/9, 2003/2004, p. 54.

MORIGI, V. J. PAVAN, C. Tecnologia de Informação e Comunicação: novas Sociabilidades nas Bibliotecas Universitárias. **Ciência da informação**, v. 33, n. 1, p. 117-125, jan./abril 2004. p.121. Disponível em :<<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/72/69>>. Acesso em: 08 abr. 2012.

MORO, E. L. da S.; ESTABEL, L. B. Mediadores de Leitura na Família, na Escola, na Biblioteca, na Biodiversidade. *In*: NEVES, I. C. B.; MORO, E. L. da S.; ESTABEL, L. B. (orgs.). **Mediadores de Leitura na Biodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p. 41.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 28.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigação em psicologia social. Petrópolis: vozes, 2003. p. 60-78.

PINTO, A. M. B. **35 Anos de Ensino de Biblioteconomia em Porto Alegre**. Porto Alegre, Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 1984. p. 105.

PINTO, A. M. B. **A História da Biblioteconomia no Rio Grande do Sul**: 1983 a 1988. [Porto Alegre]: NEBI, 1988.

PENNA, C. V.; FOSKETT, D. J.; SEWELL, P.H. **Serviços de Informação e Biblioteca**: um manual para planejadores. São Paulo: Pioneira, 1979. p.12.

RANGANATHAN, S. R.. **The Five Laws of Library Science**. Madras: Madras Library Association, 1931. p. 382. Disponível em: <<http://arizona.openrepository.com/arizona/handle/10150/105454>>. Acesso em: 10 set. 2011.

RIBEIRO, R. M. R. A Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC): fator condicionante da inovação em bibliotecas universitárias. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XXIV., Maceió, 2011. **Anais...** Maceió, [s. n.]. 2011. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/26/656>>. Acesso em: 26 nov. 2011. p. 1, 4.

SANZ CASADO, E. **Manual de Estudos de Usuários**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez: Pirámide, 1994. p. 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44.

SCHREINER, H. B. Sistema CALCO/UFRGS Automação na Biblioteca Central da UFRGS. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 8, n. 12, jul./dez. 1980. p. 113.

SÊGA, R. A. O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 13, 2000. p. 128-133. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; DI CHIARA, I. G. Das Redes Sociais à Inovação. **Ciência da informação**. Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>>. Acesso em 28 jun. 2012.

UNIVERSIA. **Serviços Bibliotecários Universitários**. Disponível em: <http://contenidos.universia.es/html_trad/traducirSeccionEspecial/params/especial/b/apartado/ebff/seccion/1/titulo/SERVICIOS-BIBLIOTECARIOS-UNIVERSITARIOS.html>. Acesso em: 30 set. 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Biblioteca. **Site institucional**. [Porto Alegre], 2010. Disponível em: <www.ufrgs.br/fabico/biblioteca>. Acesso em: 20 out. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central. **Sistema de Bibliotecas da UFRGS**: Histórico, missão e contexto atual: PDI 2010-2014. [Porto Alegre], 2011. p. 1,2.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 27.

APENCICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pelo presente instrumento, abaixo firmado e identificado, autorizo o aluno **ISMAEL MAYNARD BERNINI**, portador do **RG 4044094508** e **CPF 01086402057**, a utilizar minha entrevista, primeiramente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos ou culturais, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS**, sem limitação de tempo ou de número de exposições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado durante a entrevista concedida no dia ___ / ___ / **20**___, pelo aluno (a) e pela UFRGS, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, independentemente do meio ou suporte utilizado. O material a ser criado destina-se à produção de obra intelectual, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Assinatura: _____

Nome: _____

End.: _____

CPF: _____

Porto Alegre, _____ de _____ 201__.

APÊNDICE B – Roteiro de Perguntas para Entrevista.

Idade:

Estado civil:

Escolaridade: () Graduação; () Especialização; () Mestrado; () Doutorado.

Ano de ingresso na Biblioteca:

- 1) Qual o período em que trabalhou na biblioteca da Fabico? (falar como foi essa experiência)
- 2) Gostaríamos que falasse sobre a sua experiência profissional, focando a sua relação com usuários no ambiente da Biblioteca? Como era essa relação?)
- 3) Na sua opinião, a introdução das TICs na biblioteca afetou as relações entre os bibliotecários? Em que sentido?
- 4) Você realizou algum treinamento/curso para utilizar as TICs? Quais?
- 5) Na sua opinião, quais os impactos do uso das TICs na Biblioteca?
- 6) O que mudou em sua rotina/fluxo de trabalho com o uso da TICs? Como foi esse processo?
- 7) Como era o seu relacionamento/interação com os usuários da biblioteca?
- 8) Fazendo uma comparação em relação a “antes” e “depois” da TICs na biblioteca que modificações você apontaria em relação ao seu trabalho e as interações com os usuários.
- 9) Quais as perspectivas que você aponta para o bibliotecário diante das TICs?
- 10) Alguma coisa que gostaria de comentar sobre esse tema?

ANEXO A – Mensagens deixadas pelos usuários na Árvore de Natal / 1985.

Papai Noel:
Eu quero a Brooke Shields

PAPAI NOEL
Queremos a morte do Prof. Wilson de Estatística.
Ass. As Vítimas

EU QUERO DINHEIRO EM EXCESSO
(EXCESSO É COM DE?)

PAPAI NOEL
Queremos substituir o Johnatan e a Jennifer Hart.
Recacho e Abnel

PAPAI NOEL
Nós abaixo assinados que pedimos:
1. um ingresso pro ROCK IN RIO (PARA OCH OU)
2. Papel higiênico para os banheiros
3. MAIS VERBA PARA A EDUCAÇÃO
4. um feliz natal para a Graziela
5. uma passagem para Salvador (também para essa UFRJ) →

Papai Noel:
De natal, eu quero a Presidência dos Estados Unidos da America.
ASS: MALUF

Papai Noel!
Quero uma conta em um banco suíço com o dono do selo que a do Jefferson

MINHA FILHA: TENS MÃE? PAPAÍ NOEL

Papai Noel!
Quero que as suas denham uma cabeça mais aberta e menos autoritária

Papai Noel
Eu quero passar na cadeira de Estatística, e tb quero que todas as pessoas tenham uma cabeça mais aberta e menos autoritária

Papai Noel!
Quero que as suas denham uma cabeça mais aberta e menos autoritária

Papai Noel!
Que em 85. AS PESSOAS ENCONTREM O VERDADEIRO VALOR DO NATAL.

Quero uma mamãe Noel de Natal (NOVINHA)

Papai Noel!
Ilumina o yoozinho para que escolha a 3ª opção para o aumento dos funcionários federais.
1ª → 63%
2ª → 70%
3ª → 75% obrigado

EU QUERO O SILENCIO DAS LINGUAS CANÇÃOS E UM FILHO DO CUCA LEGAL.
MALUF.

PAPAI NOEL
EU QUERO UM ORIXÁ SÓ PRA MIM.
ASS: MOACYR FLORES, O VAMPIRO

Papai Noel:
O que é que tu tem contra mim?
Ass. Paulo Maluf

EU QUERO VOCÊ COMO EU QUERO
Assin: Kid Abetha

PAPAI NOEL:
EU QUERO A
REVOLUÇÃO
PROLETÁRIA
INTERNACIONALISTA
JÁ

Quero
entrar em
férias
Papai Noel!!

PAPAI NOEL
INADIMPLENTE,
NÃO INTERESSA,
EU QUERO O
MEU PRESENTE
Assin: Lobão

PAPAI NOEL
EU QUERO PASSAR (SEM
ESFORÇO) EM TODAS AS MAL-
DITAS CADEIRAS QUE EU AR-
RUMEI NESSE SEMESTRE
IDEM (MALDITO). UM BEIJO
PS. VOCE EXISTE?

EU
QUERO
TER
UM MICHÃO
DE
AMIGOS
(EM DOÇES)

COMO PAPAI NOEL E O NAVAL
NÃO EXISTEM, NADA TENHO
A PEDIR, NEM A DESEJAR

Querido, Papai Noel!
Quero ganhar um NA-
MOIADO ENBRUADINHO
Pra Presente!
Tô esperando!
Viu?

Si Papai Noel,
eu quero um
~~presente~~ de present
to bem embui-
quenho, tá?
Ass: ~~Se~~ ~~Se~~

ASS. COERENTE

PAPAI NOEL
(father Noel)
Eu want o lugar do
John Lennon nos Beatles
Ass. Ricardo

PAPAI NOEL
QUERO QUE ESSE
PESSOAL DA FACUL-
DADE PARE DE
PÔR AREIA NO
MEU PASTEL.

Neca, a Lady
Nijinka

PAPAI NOEL PAPAÍ NOEL
CALOTEIRO
Ass: Duendes
em Greve
EU QUERO
GANHAR NA
LOTO

QUE ESTE
ANO SEJA
SUPERFANTASTICO

Ass:
A Suema do
Batao Máximo
PAPAI NOEL

PAPAI NOEL:
UMA REVINDICAÇÃO!
ACABE COM OS
NATAIS!

Ass: Associação Nacional
dos Pinheiros de Natal

PAPAI NOEL:

PLIM
PLIM

VOCE PODE TER
SACO, MAS EU
TENTO BULTÕES.

Ass:
Maria
Amelia

MAURICIO SIROTSKY

PAPAI NOEL
QUERO UM
CÉREBRO 2
e que o
meu noivo
se resolva

Ass:
MARIA
CLÁUDIA
Hoffmeister Brasil

EU QUERO
MINHA
CALOI

PAPAI NOEL
Queremos cartão de
crédito na
Gay Fashion da
Galeria do Rosário.
Ass:
Ricardo, Sérgio
e demais Bultões.

Ass: ~~Silva~~
Zé Endrix

EU QUERO
UMA
CASA NO
CAMPO

PAPAI NOEL

UM LUSTRA-MÓVEIS,
OU ENTÃO UM
IMPLANTE.
NO MÍNIMO UMA
PERUCA.

Ass:
KLEBER

PAPAI NOEL:

QUERO UM
ESCAPULÁRIO
NOVO

Ass: BOETÃO

PAPAI NOEL:

EXPLODE
O
ANCHIETA!!

Ass: Guedes

Santa Klaus:

I want a passage to New York.

I hate Brazil.

Laerte Superstar

PAPAI NOEL!

Para o Natal, eu quero um
presente simples. Qualquer
Editoria da Folha de São
Paulo serve.

PAPAI NOEL:

QUERO UM VIDRO
DE ÁGUA OXIGENA-
DA NOVO.

Ass. Sergio ROSA

Papai Noel

Eu quero um campo
de concentração de
presente.

Ass. Blásio
HICKMANN

Papai Noel:

Quero um quartel cheio de miliquinhos só prá mim.

Ass. Sargento Telmo

PAPAI NOEL:
POR FAVOR, DÊ
UM BANHO NO
GUILHERME!

Isb: Os alunos da
COMUNICAÇÃO

QUERO MAIS
MUNICIAÇÃO

Ass.:
Fozil

e um tubo novo de
Gel New Wave

PAPAI,

EU QUERO UM
DISCO DO
HENUDO

Ass: CAUDURO

PAPAI NOEL:

EU QUERO 2000
PACOTES DE FRALDAS
DESCARTÁVEIS!

Ass: GUSTAVO
(EX-LIBELU, EX-DABKO)

Papy
Eu quero
que quebre o
santo do Beto
Ruas. Pro Sérgio
Silva

PAPAI NOEL

Quero ser
diretor.

Acaba com aquela
"no-ro-ro-sa"
Ass. Ricardo

PAPA NOEL

Hijo de una
gran perra.
Una carteinha de
cigarillos e un
descendedor.
BENDITO!

PAPAI NOEL:

EU QUERO UM
SARCÓFAGO NOVO.

Assin: Moacyr Flore

Papai Noel:

Eu quero um
vidrinho de REATIVAN.

Cauduro

FICA FELIZPAPAI NOEL

Ass.:
MORENO

NO FUNDO, NO FUNDO EU
SOU UM BOM MENINO
TRAZ UM CAPACETE DE
NAZISTA, TRAZ PAPAI
NOEL, EU SOU UM BOM
MENINO.

Ass.:
SARG. TELMO.

PAPAI NOEL

Quero mais
3 toneladas
de papel e 2
grampos de telefone
Ass: Guerreiro

PAPAI NOEL:

QUERO NO CURRÍ-
CULO NOVO DA
COM. EDUCAÇÃO
RELIGIOSA PARA OS
ALUNOS.

Ass. BORTÃO

Papai Noel

eu quero a melhor
junção de presente.
Ass.: um maroqueiro

DESEJO QUE A ESTRELA DE NATAL QUANDO SE FOR LEVE JUNTO, PARA OS PÁRAMOS CELESTES AS PROFESSORAS DE BIBLIOGRAFIA PARA ABRILHANTAREM OS CÉUS COM SUAS "ABERTURAS, SIMPATIAS, BONDADES."

PAPAI NOEL

Quero que as bibliotecárias se explodam.

Comando Plínio Salgado

Papai Noel

Abra o coração de cuíças profs da bib. e troque os "cocos de galinha" de sua mulher por mais compromissos com sua alunas.

Pova Lda

Papai Noel

Não são só as professoras da Biblio que merecem passar o Natal e Ano Novo des cansadas junto com familiares e amigos, cambém nós alunas merecemos, pois também somos gente e isto elas ignoram, uma vez que nos sobrecarregaram de trabalhos durante este período.

PAPAI NOEL!

Por favor QUEREMOS RESPEITO HUMANO, POR PARTE DAS PROFESSORAS DA BIBLIOTECONOMIA

~~Papai Noel~~ PAPAI NOEL

QUERO UM SUBEMPREGO, C/ SUBHORÁRIO E UM SUPER SALÁRIO!

Agata de Biblio

PARA QUE AS BASES AUTORITÁRIAS DAS PROFESSORAS DA BIBLIOTECONOMIA SE DISSOLVAM NUM SÓ CANTO NESTE NATAL DE 84

PARADICAM PAPAI-NOEL.

PAPAI NOEL

Quero desencanahar!

velhas solteironas da Biblio!

QUEREMOS QUE OS

Papai Noel

As "tias" da Biblio nos entupiram de trabalhos neste período para serem entregues nos dias 26 dezembro e 2 janeiro de manhã.

É justo isto?

E o espírito de Natal só é aplicado para elas?

"MUSEUS" DA BIBLIOTECONOMIA SE APOSENTEM NO PRÓXIMO ANO E QUE DEIXEM DE NOS INCONODAR

Papai Noel!

Por misericórdia, aproveite ^(errata) os ventos promissores de Muda Brasil acabe com o regime pinochesco e gerontocrático das tias da Biblioteconomia (as velhas e novas!), com a CDD, CDU, e o furro das fichas de catalogação. Amém!

ASS: ALUNOS DA BIB

ANEXO B - Cartão de Natal elaborado pelo Jornalismo Carlos Henrique Iotti.



ANEXO C – Mensagem do aluno Milton Souza.

O CORAÇÃO DA FABICO

O prédio da FABICO não está entre os mais modernos dos tantos que formam a nossa UFRGS. Convivemos todos os dias com as deficiências deste prédio, seus elevadores emperrados e suas intermináveis reformas. Já estamos acostumados com estas tantas deficiências e com ter que "gastar os calcanhares" subindo escadas ou ter que nos defender dos detritos das reformas. Tudo isso já faz parte do nosso dia a dia de aluno da FABICO.

Mas faz parte também do nosso dia a dia um encontro bonito com a amizade, com o carinho e com a cordialidade. Um encontro que serve para que cada um de nós "recarregue as pilhas" e recupere as energias gastas nas tantas aulas que recebemos. E este encontro com a tranquilidade se dá num ambiente agradável, num recanto precioso, talvez o mais precioso do nosso prédio da FABICO. Este recanto é a NOSSA BIBLIOTECA.

Durante a greve dos funcionários, nós estudantes sentimos com força a importância da Biblioteca na nossa vida acadêmica. Seguidamente saíamos das aulas ou precisávamos "matar" o tempo pela falta de algum professor e o nosso nariz batia na porta fechada da Biblioteca... E a gente ficava a vagar pelos corredores e labirintos da nossa FABICO, procurando pelos cantos um pouco daquele carinho tão fartamente repartido pelas Bibliotecárias...

É claro que a FABICO nestes dias parecia um grande deserto: os estudantes sedentos de carinhos, arrastando-se pelos corredores e terminando por buscar a única sombra disponível que era o barzinho da Lena... Faltava alguma coisa na FABICO...

A porta fechada da Biblioteca era uma verdadeira barreira que separava a tristeza dos estudantes da alegria de um recanto tranquilo onde a amizade e a cultura param nos ares e podem ser respiradas pelos corações aflitos... A FABICO estava muito fria nestes intermináveis dias de greve... Esta frieza deve ter colocado uma semente de vergonha nos corações dos estudantes, que tão pouca importância têm dado para este recanto da faculdade chamado "Biblioteca", que tem sido, muitas vezes sem nem notarmos, de importância vital para os nossos cursos...

A greve terminou e a porta da Biblioteca voltou a ficar sempre aberta para cada um de nós. E cá estamos nós todos os dias, pedindo ajuda, batendo papos, recebendo conselhos, amizades e carinhos. Graças a Deus já dá para sentir que voltou a pulsar o CORAÇÃO DA FABICO, a nossa querida e procurada BIBLIOTECA.

Milton S. Souza - 1746/85-0